



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

ROSA MARIA NOGUEIRA ROCHA

**A MEMÓRIA REVELADA: Preservação do Acervo Fotográfico
dos Quilombolas da Paraíba**

JOÃO PESSOA/ PB

2012

ROSA MARIA NOGUEIRA ROCHA

**A MEMÓRIA REVELADA: Preservação do Acervo Fotográfico
dos Quilombolas da Paraíba**

Monografia apresentada ao Curso de Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Profª Drª. Francinete Fernandes de Sousa

JOÃO PESSOA/PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

R672m Rocha, Rosa Maria Nogueira.
A memória revelada: preservação do acervo fotográfico dos
Quilombolas da Paraíba. / Rosa Maria Nogueira Rocha. – 2012.
73f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia,
2012.

“Orientação: Profa. Dra. Francinete Fernandes de Sousa, Curso
de Arquivologia”.

1. Preservação de documentos. 2. Acervo fotográfico. 3.
Quilombolas da Paraíba. I. Título.

21. ed. CDD 025.84

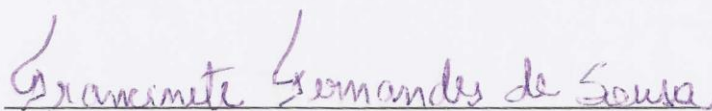
ROSA MARIA NOGUEIRA ROCHA

**A MEMÓRIA REVELADA: Preservação do Acervo
Fotográfico dos Quilombolas da Paraíba**

Monografia apresentada ao Curso de Arquivologia, do Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

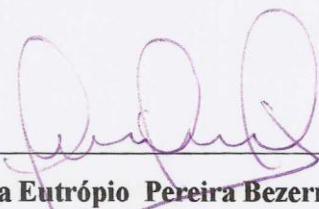
Aprovada em 23 de 11 de 2012.

Banca Examinadora



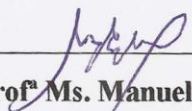
Prof. Dr.ª. Francinete Fernandes de Sousa / UEPB

Orientadora



Prof. Especialista Eutrópio Pereira Bezerra / UEPB

Examinador



Prof.ª Ms. Manuela Eugênio Maia / UEPB

Examinadora

À Professora Briggida Lourenço (*in memoriam*),

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado forças para concluir esta pesquisa.

À minha mãe e aos meus irmãos, especialmente, minha irmã Solange, pois mesmo distantes, sempre foram presentes na minha vida.

Ao meu pai (*in memoriam*) por sempre ter valorizado o estudo na educação dos filhos.

À Professora Dr^a Francinete Fernandes de Sousa, pela dedicação, paciência e segurança com que orientou esta monografia, bem como pelo seu otimismo e determinação, os quais foram fundamentais para me motivar a continuar e concluir esta pesquisa.

Ao fotógrafo italiano Alberto Banal, por permitir esta pesquisa sobre seu acervo, e também me conceder uma entrevista, a qual foi fundamental para a realização desse trabalho.

À professora Briggida Lourenço (*in memoriam*), pela atenção e contribuição direta no início desta pesquisa.

Aos membros da banca examinadora, Professor Especialista Eutrópio Bezerra e Professora Ms. Manuela Maia, pelas valiosas sugestões para enriquecimento deste trabalho.

Aos professores do Curso de Arquivologia da UEPB, especialmente, Professor Dr. Washington Medeiros, Professora Ms. Maria José (Mara), Professora Ms. Esmeralda Sales e Professor Dr. Roberto Jorge, pela atenção e transmissão de conhecimentos no decorrer do Curso.

Aos colegas de curso, especialmente, Iranilson, Mara Vanessa, Irany, Bruno e Natan, que me deram apoio na conclusão deste trabalho.

Às amigas Geovanna, Roberta e Bernadete, pelo incentivo e contribuição na realização desta pesquisa.

A todos que me cederam material para ampliar meus conhecimentos sobre o tema em estudo, entre os quais, a Professora Eliete, Anna Louise, Edezilda e Kássia.

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho visou discutir as noções de preservação e conservação de documentos fotográficos, utilizando-se da obra do fotógrafo italiano Alberto Banal como campo de investigação. O acervo é composto por mais de 30 mil fotos que trata da história recente dos remanescentes de quilombos na Paraíba. Pretende-se nesta pesquisa, analisar o modo de arquivamento do material fotográfico e, a partir da observação direta, propor alternativas metodológicas para preservação e conservação. Sabe-se que, assim como, a antiga história registrada pela fotografia merece atenção da arquivística, a história recente também precisa desse cuidado, principalmente, no caso específico deste fotógrafo, que luta para garantias de direitos sociais e melhoria de vida de um segmento da população que aguarda por políticas públicas. A tarefa parece ainda mais significativa para o campo da arquivologia devido a sua vocação social. O trabalho teve como método de investigação: a observação direta do material e as condições de produção do mesmo. Para tanto, do ponto de vista teórico utilizamos: Cassares (2000), Henrique (2010), Mustardo e Kennedy (2001), Pavão (2002), Cabral (2002). Como se trata de um acervo que tem um recorte temático, fez-se uma breve recuperação do assunto Quilombolas na Paraíba. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de um plano de ação, visando à preservação dessa documentação fotográfica.

Palavras-chave: Preservação. Conservação. Documento fotográfico. Quilombolas

ABSTRACT

This study aimed to discuss the notions of preservation and conservation of photographic documents, having the work of the Italian photographer Alberto Banal as the research field. The collection comprises over 30 thousand pictures about the recent history of Quilombos in Paraíba. This research aims to analyze the archiving mode of photographic material and from a direct observation propose methodological alternatives, preservation and conservation. It is known that as the former history recorded in photography, deserves the attention from the archivist, the recent history needs this care, specially, in this photographer's specific case, who struggle to guarantee social rights and a better life of a population's segment that waits for public policies aiming for their improvement. The task seems even more significant for the archive field that has a social vocation. The research used as investigation method the direct observation of the material, the material's conditions of production, as well as a review from the scientific point of view. Therefore, in the theoretical point of view we used: Cassares (2000), Henrique (2010), Mustardo e Kennedy (2001), Pavão (2002), Cabral (2002). As it is a heap with a thematic cutout it was done a brief recovery in the subject Quilombolas in Paraíba. The research's results point to the need for an action plan aiming the preservation of this photographic documentation.

Keywords: Preservation. Conservation. Photograph Document. Quilombolas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1 -	Quilombo Grilo.....	24
FOTOGRAFIA 2 -	Quilombo Cruz da Menina.....	25
FOTOGRAFIA 3 -	Quilombo Caiana dos Crioulos.....	26
FOTOGRAFIA 4 -	Quilombo Matão.....	27
FOTOGRAFIA 5 -	Quilombo Grilo.....	28
FOTOGRAFIA 6 -	Quilombo Caiana dos Crioulos.....	29
FOTOGRAFIA 7 -	Quilombo Caiana dos Crioulos.....	29
FOTOGRAFIA 8 -	Exposição da Cultura afro-brasileira – Cobrás. João Pessoa/PB.....	34
FOTOGRAFIA 9 -	Semana da Consciência Negra na Paróquia Jesus Ressuscitado, nos Bancários, João Pessoa/PB.....	34
FOTOGRAFIA 10 -	Retrato do povo negro e da Etiópia e do povo das comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba, SESI.....	35
FOTOGRAFIA 11 -	Retrato do povo negro e da Etiópia e do povo das comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba, SESI.....	35
FOTOGRAFIA 12 -	Retrato do povo negro e da Etiópia e do povo das comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba, Praça dos Três Poderes.....	36
FOTOGRAFIA 13 -	II Conferencia Estadual de Promoção de Igualdade Racial, João Pessoa/PB.....	36
FOTOGRAFIA 14 -	Quilombos da Paraíba, “A realidade de hoje e os desafios para o futuro”, Estação Cabo Branco Ciência, Cultura & Artes, João Pessoa/PB.....	37
FOTOGRAFIA 15 -	Quilombos da Paraíba “A realidade para o futuro”, UPE- Universidade de Pernambuco, Petrolina/PE.....	37
FOTOGRAFIA 16 -	Mostra fotográfica realizada na Estação Ciência em 2011.....	38
FOTOGRAFIA 17 -	MAC/UEPB.....	38
FOTOGRAFIA 18 -	Painel com fotografias deterioradas por fungos.....	42
FOTOGRAFIA 19 -	Fotografias deterioradas.....	43

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Atividades e eventos.....	54
FIGURA 2 - CECNEQ – Encontros.....	54
FIGURA 3 - Comunidades.....	55

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1 - Fatores que comprometem a qualidade dos documentos.....	44
--	----

LISTA DE LAYOUT

LAYOUT 1 - Planta com descrição dos ambientes.....	62
LAYOUT 2 - Planta com descrição dos móveis e equipamentos.....	63
LAYOUT 3 - Visão da planta em 3D.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACADE	Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba
ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
BITS	<i>Binary Digit</i>
CD	Disco Compacto
CECNEQ	Coordenação Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
DVD	Disco Digital Versátil
FCP	Fundação Cultural Palmares
GED	Gerenciamento Eletrônico de Documentos
HD	Disco Rígido
MAC	Museu de Arte Assis Chateaubriand
MDA/INCRA	Ministério do Desenvolvimento Agrário / Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
p&b	preto & branco
pH	potencial Hidrogeniônico
RTI	Relatório Técnico de Identificação
SESI	Serviço Social da Indústria
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNITER	Universidade da Terceira Idade
UPE	Universidade de Pernambuco
3D	Três Dimensões

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
2.1	Caracterização da pesquisa.....	16
2.2	Problematização.....	17
2.3	Objetivos.....	18
2.3.1	Objetivo geral.....	18
2.3.2	Objetivos específicos.....	18
2.4	Universo e amostragem.....	19
2.5	Campo empírico.....	19
2.5.1	Sobre o fotógrafo.....	19
2.6	Instrumentos de coleta de dados.....	20
3	DELINEANDO O CONTEXTO, ESTABELECENDO MARCOS TEÓRICO E ANALISANDO OS DADOS.....	22
3.1	Os Quilombolas da Paraíba: contexto histórico e realidade atual.....	22
3.2	Documentos fotográficos.....	30
3.2.1	Conceitos.....	30
3.3	Memória e fotografia.....	32
3.3.1	Sobre o acervo quilombola.....	32
3.4	Preservação e conservação de documentos fotográficos.....	39
3.4.1	Conceitos.....	39
3.4.2	Fatores de deterioração.....	40
3.4.3	Preservação de fotografia analógica.....	45
3.4.4	Preservação digital.....	47
3.4.4.1	Conceito.....	47
4	PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO ACERVO.....	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS.....	67
	Apêndice A – Instrumento de coleta de dados.....	70
	Anexo A – Mapa dos quilombolas da Paraíba.....	73

1 INTRODUÇÃO

O final do século XX é marcado pela era da informação, que consiste na transmissão rápida de dados para diversos lugares do mundo e para um número, cada vez maior, de pessoas e empresas, principalmente, através da internet. A informação passou a ser um recurso fundamental para os países e/ou instituições manterem-se competitivos em um mercado cada vez mais exigente.

Segundo Gabriel (2010), isto ocorreu por causa do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945 que marcou o início da utilização de armas nucleares e da divisão do mundo em dois blocos antagônicos: capitalistas, liderados pelos Estados Unidos e o socialistas, liderado pela União Soviética. Esses países foram protagonistas de um conflito político, ideológico e econômico conhecido como Guerra Fria, que se estendeu até 1991, com a extinção da União Soviética. Esse conflito correspondeu a um período de grande tensão no mundo, devido às ameaças, espionagens, corrida armamentista e disputa pelo conhecimento científico e tecnológico, entre estes países.

Assim, como consequência destes fatos históricos, em quase todas as instituições, há uma grande necessidade das pessoas se manterem informadas, mas para que elas tenham acesso rápido e eficiente na busca pela informação é preciso que seus documentos estejam organizados. Para isso, faz-se necessário a preservação e conservação dos documentos, independente do suporte em que a informação esteja registrada. Como exemplos de suportes, temos: papel, CD, DVD, etc.

Assim, ações como a higienização e o armazenamento adequados, entre outros cuidados, são fundamentais para minimizar os efeitos nocivos na degradação desses documentos.

Dado o exposto e, sabendo-se do valor comprobatório e histórico que a fotografia possui, pretende-se, nesta pesquisa, analisar o modo de arquivamento do acervo fotográfico do documentarista Alberto Banal, o qual luta por garantias de direitos sociais de uma, assim chamada, minoria da população. O seu acervo é composto por mais de 30 mil fotos que trata da história recente dos remanescentes de quilombos na Paraíba.

Deste modo, o presente trabalho tem relevância para o campo arquivístico porque caracteriza o documento fotográfico, bem como verifica as ações de preservação e conservação aplicadas no acervo.

Sobre esse assunto contamos com a contribuição da autora Madio (2012, p. 55), em seu artigo intitulado, “*Uma Discussão dos Documentos Fotográficos em Ambiente de Arquivo*”, quando ressalta que:

a discussão da fotografia, especificamente, e de todos os demais suportes imagéticos na área da Arquivologia no Brasil ainda é incipiente e as referências sobre o processamento técnico desses materiais são inexpressivas. Contrariamente artigos e livros sobre a conservação, descrição documental, digitalização e disponibilização desses documentos são constantes e bastante profícuas.

Assim, mesmo tratando de preservação e conservação, como foco principal; entendemos que nosso tema avança na área, porque procura, também, entender o processo de produção de um fotógrafo que busca, através de várias exposições, documentar a história dos quilombolas da Paraíba. Torna-se relevante, também, para a sociedade porque possui valor sócio cultural, além de dar visibilidade a uma parcela da sociedade que vive marginalizada.

Para nós, futuros arquivistas, o desenvolvimento desta pesquisa é relevante por possibilitar um maior aprendizado na área em estudo, tornando-se inclusive uma fonte de pesquisa significativa possibilitando desenvolver alternativas metodológicas para a preservação dos documentos fotográficos.

O acervo fotográfico escolhido para análise não será tratado aqui como acervo pessoal, uma vez que existe uma relação orgânica entre as fotografias e a documentação da Associação, a qual faz parte o fotógrafo Alberto Banal. Sobre esse assunto, a monografia do arquivista Josivaldo Soares Ferreira (2011), *A Gestão Eletrônica de Documentos e sua Otimização nos serviços das Instituições do Terceiro Setor: o caso da Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba – AACADE*, e também, o livro do autor Paulo Roberto Santos (2010), intitulado “*Arquivística no laboratório*”, aprofundam a polêmica entre o que é arquivo pessoal e o que constitui arquivo institucional. Assim, como nossa proposta é mais específica: a preservação; indicamos as referidas leituras na perspectiva de que outro pesquisador queira se debruçar melhor sobre o tema e poder contribuir com valiosas considerações.

Em relação à estrutura, de início evidenciamos a escolha do tema e do assunto abordado. O segundo capítulo consta do trajeto da pesquisa e da busca das respostas, através da definição de objetivos, da problemática e dos passos metodológicos a seguir evidenciando a descrição do universo e amostragem, o nosso campo empírico e como foi procedido o recorte do nosso objeto de pesquisa. Coube, no terceiro capítulo, uma breve contextualização do tema, e a revisão teórica em conjunto com a análise dos dados por entendermos que possibilita maior fluência ao texto, facilitando a leitura e compreensão do assunto. No quarto e último capítulo, desenvolvemos para objeto estudado, uma proposta de layout, com

recomendações de condições próximas das ideais e, por fim, tecemos considerações gerais e possíveis contribuições da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Em relação à classificação, esta pesquisa é empírica, ou seja, pesquisa de campo, que segundo Lakatos e Marconi (2008, p.188), “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Quanto à abordagem, há dois grandes métodos possíveis na elaboração de um projeto de pesquisa científico: métodos quantitativos e qualitativos. Sabe-se que a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo uso de técnicas estatísticas, das mais simples às mais complexas.

De acordo com Richardson (1999, p.71):

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. Contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Neste estudo, trabalhamos com a abordagem qualitativa, pois de acordo, com Richardson (1999, p.71) “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Quanto ao tipo de pesquisa, adotamos a descritiva, pois de acordo com Richardson (1999, p.71), “os estudos de natureza descritiva propõem-se a investigar o “que é”, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal. Nesse sentido, são considerados como objeto de estudo uma situação específica, um grupo ou um indivíduo”.

Sobre esse assunto, Rudio (2004, p.16) diz que este tipo de pesquisa possui como objetivo, descrever e interpretar a realidade. Assim, esta opção pareceu-nos um caminho seguro.

Como este trabalho é na sua base sobre fotografias faremos, sempre que possível, uma exemplificação utilizando os documentos fotográficos do documentarista, por duas razões:

- Apresentar a diversidade do acervo, sua dinâmica, situação de alguns documentos;

- Sua importância social, porque entendemos que é a partir da visualização do seu trabalho que se justifica, ainda mais, a análise e busca de alternativas, sobretudo de acondicionamento e preservação corretos do material.

Sobre isto, Madio (2012) ressalta que se deve estar atento a manutenção da organicidade desses documentos e a sua função original deve ter mais preponderância do que o suporte e as condições ideais para sua preservação, o que não quer dizer, absolutamente que devemos abdicar desta última.

No item a seguir, mostraremos a partir de quais questionamentos surgiram as ideias da temática escolhida e quais os objetivos definidos a partir da problemática posta.

2.2 Problematização

O Brasil, assim como outros países do mundo, passa por um período caracterizado pelo excesso de informação e de produção documental, principalmente devido ao avanço tecnológico e de comunicação. Por isso, em quase todas as instituições, o acesso imediato e hábil na busca pela informação tornou-se um recurso estratégico para uma administração eficaz e eficiente. Já, na introdução, fizemos uma breve contextualização histórica sobre tal fato.

No que se refere ao Brasil, nota-se que apesar do aumento progressivo dessas novas tecnologias de informação e comunicação existem restrições de acesso à massa documental em diversos arquivos nas instituições, inclusive nas do Estado da Paraíba. Isto se deve, talvez, ao estado precário de conservação dos documentos e/ou por se tratarem de documentos sigilosos.

Sabendo-se da importância de preservar os documentos, bem como conhecer o suporte e, o seu comportamento perante os fatores que os danificam é possível evitar essa deterioração, ou pelo menos, minimizá-las, através de cuidados como higienização, cuidados com o ambiente, manuseio, entre outros.

Assim, esta pesquisa tem como foco principal analisar e estabelecer estratégias de preservação e conservação do acervo fotográfico dos quilombolas da Paraíba, e a partir da observação direta propor alternativas metodológicas para preservação e conservação desse material, partindo da hipótese de que as ações de preservação e conservação desses documentos não estão sendo executadas de maneira adequada do ponto de vista do

profissional arquivista, porém não podemos esquecer que também nos cabe salientar a relação de organicidade e os diversos contextos de produção de tal arquivo, como já foi salientado acima.

No que diz respeito aos termos preservação e conservação de documentos, alguns autores procuram defini-los. Conforme Cassares (2000, p.12), preservação “é um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais” enquanto, conservação “é um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento)”.

Dessa forma, a problemática que abrange esta pesquisa torna-se aparente quando entendemos a importância da preservação e conservação dos documentos de um arquivo e, através deste entendimento, questionamos: como criar alternativas metodológicas para preservar e conservar um acervo fotográfico que não para de crescer em função da alta produção do fotógrafo, o qual assumiu um compromisso social com a população quilombola da Paraíba?

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

- Analisar e estabelecer estratégias de preservação e conservação do acervo fotográfico dos quilombolas da Paraíba.

2.3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o documento fotográfico;
- Verificar as ações de preservação e conservação do acervo fotográfico;
- Propor alternativas metodológicas para preservação do acervo fotográfico.

2.4 Universo e amostragem

Conforme Martins e Theóphilo (2009, p.118), o conceito de universo ou população “é intuitivo. Trata-se do conjunto de indivíduos ou objetos que apresentam em comum determinadas características definidas para o estudo”. Dessa forma, o universo da pesquisa corresponde a todo o acervo fotográfico de Alberto Banal.

Para Lakatos e Marconi (2008, p.165) “amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo.” Assim, a amostra desta pesquisa são as fotografias sobre quilombolas, ou seja, as que tratam da história recente dos remanescentes de quilombos da Paraíba.

Torna-se interessante atentar que este acervo trata da tarefa de criar uma memória da história recente deste povo e, não apenas, como memória social; mas para servir, muitas vezes, como prova documental, no sentido de possibilitar aos quilombolas provarem que são, quem são, e desse modo poderem ingressar nas leis de cotas, ter aposentadoria por serem de zona rural, ter o reconhecimento de suas terras, etc. Adiante, uma breve retrospectiva sobre os quilombolas da Paraíba.

2.5 Campo empírico

O campo de análise desta pesquisa é a obra do acervo fotográfico do italiano Alberto Banal, no que se refere aos quilombolas da Paraíba. Este acervo é composto por mais de 30 mil fotos que retratam a luta deste fotógrafo por garantia de direitos dessas comunidades.

2.5.1 Sobre o fotógrafo

Segundo o site “*Fotógrafos de Rua*” e o artigo “PB: *Comunidades Quilombolas visitam exposições sobre Gana*”, o documentarista Alberto Banal nasceu na região Trentino, Itália. Estudou nas cidades de Verona, Roma e Trento e se formou em Letras e Filosofia na Università Degli Studi de Milão. Foi professor de Educação musical e trabalhou no setor da imprensa, onde permaneceu por mais de 30 anos como Diretor de Marketing, Diretor

Comercial e Diretor Responsável de uma editora multinacional de revistas especializadas sempre na Itália. Também teve experiências na política, sendo vereador da sua cidade natal.

Atuou ainda como um dos fundadores da Universidade da Terceira Idade (UNITER), onde foi professor palestrante sobre História das Religiões. Tornou-se autor de livros, entre os quais se destacam: “28 Giorni” (livro de memórias) e “Nel Paese di Frutilandia” (fábula), cuja receita foi destinada para obras sociais no Brasil. Na juventude, foi cantor de música espiritual, tendo participado na gravação de dois discos. Além disso, produziu várias peças teatrais e musicais, bem como várias canções destinadas ao público infantil.

Depois de uma vida construída com sucesso na Itália, veio residir em João Pessoa/PB e, desde 2005, atua como documentarista, dando destaque à população negra das comunidades quilombolas da Paraíba. É integrante da Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba (AACADE), onde coordena o projeto Casas de Leitura. Também é de sua autoria o projeto Fotógrafos de Rua, onde atua ministrando aulas de fotografia para adolescentes de comunidades carentes. Integra também a Casa dos Sonhos, que trabalha com crianças e adolescentes na comunidade Santo Amaro, no município de Santa Rita/PB.

O Projeto Fotógrafos de Rua, de sua autoria, como dito anteriormente, se apresenta como uma tentativa de inclusão social através da fotografia digital. Foi desenvolvido numa favela e num quilombo e, atualmente, expande suas ações para outras comunidades carentes. Através do ensino de técnicas básicas de fotos digitais, tem o intuito de ajudar adolescentes, jovens e mães a fazerem uma reflexão sobre as imagens captadas na comunidade onde moram. Como ficou demonstrado, pela biografia levantada, o autor sempre foi e continua muito atuante e trabalha em várias frentes sempre, buscando explorar a criatividade.

Além do levantamento dos dados do autor que tem relevância para conhecermos melhor o contexto, seguimos alguns passos que foram necessários para coletarmos os dados da pesquisa. No item seguinte, apresentaremos tais instrumentos.

2.6 Instrumentos de coleta de dados

Os principais instrumentos de coleta de dados utilizados na metodologia dos estudos de pesquisa científica são: questionários, entrevistas e observação. Neste trabalho, utilizamos entrevista e observação como instrumentos de pesquisa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2008, p. 197):

entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Para a coleta dos dados, a entrevista utilizada neste estudo foi do tipo padronizada ou estruturada que, segundo Lakatos e Marconi (2008, p.199),

é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

Neste trabalho, realizamos a entrevista estruturada com o produtor do acervo, ou seja, com Alberto Banal. Utilizamos também a observação direta que segundo Michel (2009, p.66), é aquela que emprega “dados primários, na medida em que se caracteriza pelo contato direto com as fontes (encontro pessoal, ou análise de documentos produzidos por pessoas definidas, pelas suas características, como elementos da amostra da pesquisa)”. Dessa forma, fizemos a observação do material fotográfico.

3 DELINEANDO O CONTEXTO, ESTABELECENDO MARCOS TEÓRICOS E ANALISANDO OS DADOS

Nenhuma pesquisa se faz sem um percurso histórico sobre o tema, nem um marco teórico que alicerce a mesma. Sendo assim, os próximos itens terão estas finalidades.

3.1 Os Quilombolas da Paraíba: contexto histórico e realidade atual

Segundo o artigo do encarte intitulado “Quilombos do Passado e Quilombos de Hoje”, produzido por Banal, durante três séculos um número significativo de africanos de várias etnias foram retirados de seus países de origem e vieram para o Brasil, para viverem como escravos. Banal (2012) afirma que:

o africano ao chegar ao Brasil, em um regime escravocrata, era tratado de forma desumana, e isso contribuiu para desencadear um sentimento de revolta no escravo. Uma maneira de solucionar essa situação foi fugir para as matas formando muitos quilombos. Nesses lugares, os refugiados se transformaram em comunidade de pessoas livres. O rei de Portugal, em uma carta ao Conselho Ultramarino, em 1740, definiu o quilombo como “Toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões neles.” Essa comunidade foi crescendo mesmo depois da promulgação da “Lei Áurea”, datada de 13 de maio de 1888, que declarou o fim da escravidão.

As comunidades foram formadas por negros e também, por índios e brancos e vivenciaram processos, como: ocupação de terras livres, heranças, troca de terra por serviços prestados ao Estado, doações e até compras de terras. Dessa forma, para o autor, foram se constituindo os novos quilombos.

Lembra ainda o artigo que existe uma dívida histórica com os quilombolas a aprovação da nova Constituição em 1988, por meio do Artigo 68º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) tenta rever colocando um parágrafo que diz: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. O autor do artigo evidencia, ainda, que a aplicação da lei (TRECCANI *in* BANAL, 2012):

foi, por muito tempo, inviabilizada pela falta de decretos aplicativos, bem como pela forte oposição de várias forças políticas ligadas aos interesses dos grandes latifundiários, grileiros, mineradoras, entre outros. Na década de 90, graças às novas teorizações da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), “o termo ‘quilombo’ deixa de ser considerado unicamente como uma categoria histórica ou uma definição jurídico-formal, para se transformar, nas mãos de centenas de comunidades rurais e urbanas, em instrumento de luta pelo reconhecimento de direitos territoriais.

Segundo ainda o referido texto, a continuação destas comunidades quilombolas teve o uso e a posse da terra como fundamentais para a garantia dos direitos e para a sobrevivência até hoje. E isto foi garantido a partir de um decreto no governo Lula. No decreto se define o direito à auto identificação um só critério para o reconhecimento das comunidades quilombolas, salientando “a responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA/INCRA) para o cumprimento das determinações constitucionais no que diz respeito às áreas de quilombos no Brasil”.

O artigo também informa que:

de acordo com dados atualizados até 30 de abril de 2012, foram mapeadas 3.524 comunidades pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Dessas comunidades auto reconhecidas certificadas são 1.826. Em dezembro de 2011, encontravam-se abertos no INCRA, 1.084 processos para a regularização de terras quilombolas, números estes abrangendo 24 Estados. Deste total, apenas 7% dos processos já contam com Relatório Técnico de Identificação (RTI).

Somam aos dados já apresentados outros que nos parecem importantes salientar e foram retirados da mesma fonte, ou do artigo produzido por Banal (2012):

- Desde 1995 até dezembro de 2011 foram titulados 109 territórios beneficiando 190 comunidades quilombolas com 11.946 famílias. As áreas regularizadas somam um total de 968.356 hectares;
- 38 comunidades quilombolas, No Estado da Paraíba, do litoral ao sertão, se identificaram. Desses quilombos, apenas três são urbanos (Paratibe em João Pessoa, Os Daniel em Pombal e Talhado urbano em Santa Luzia) e os outros rurais;
- No total são 2.693 famílias com aproximadamente 12.000 pessoas;
- 36 das comunidades são certificadas pela Fundação Palmares e duas estão em processo de auto reconhecimento. Dessas, 28 comunidades têm processos abertos no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para a regularização dos seus territórios;
- O quilombo Senhor do Bonfim, no município de Areia, é a primeira e única comunidade da Paraíba que, até hoje (meados de abril de 2012) conseguiu alcançar a posse da terra depois de ter percorrido o longo e difícil caminho do processo de identificação, auto definição, reconhecimento, delimitação, demarcação do território, desapropriação e desintrusão, faltando ainda à titulação, devido a causas burocráticas incompreensíveis.

Vale lembrar que, quase todas as comunidades foram fotografadas pelo fotógrafo Alberto Banal que propôs, inclusive, uma cartografia da região quilombola, como mostra a fotografia do mapa. (Anexo A).

É relevante, ainda nesta contextualização, apresentar aspectos do dia a dia das comunidades. Aqui fazemos um resumo breve de considerações descritas pela Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades afrodescendentes (AACADE)¹.

¹ Preferimos fazer uma transcrição literal dos excertos para não perder os detalhes, lembramos que os mesmos estão no site www.quilombosdapaiba.blogspot.com.br

- **Localização e acesso**

Como se afirmou anteriormente, parte dos quilombos da Paraíba localiza-se em lugares de difícil acesso por causa do posicionamento geográfico, no cume de morros e serras ou no fundo de vales. Isso dificulta a construção de estradas ocasionando a falta de um adequado serviço de transporte, a comunicação entre as comunidades e o restante da sociedade fica prejudicada fazendo com que acentue o distanciamento do poder público. As consequências são bastante graves no plano econômico, educacional e social devido ao isolamento dessas comunidades. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 1 – Quilombo Grilo



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

- **Moradia**

As condições de moradias nas comunidades quilombolas da Paraíba são na maioria com casas de taipas, uma boa parte sem banheiro interno e nem externo, e o sistema de saneamento básico é praticamente inexistente. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 2 - Quilombo Cruz da Menina



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

- **Educação**

A estrutura da educação escolar nas comunidades quilombolas é precária. A maioria das escolas adota o regime multisseriado, por isso a qualidade do ensino está muito abaixo da média nacional. Acrescenta-se que 56% são analfabetos ou analfabetos funcionais, 12% primário completo, 5% o ensino fundamental completo e 6% o ensino médio. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 3 - Quilombo Caiana dos Crioulos

Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

- **Terra: roçado e hortas**

O quilombo se formou no campo e está vinculado a um território. Sem terras e oportunidades em suas localidades, muitos quilombolas, sobretudo os jovens, vão procurar trabalho nos grandes centros urbanos, onde geralmente trabalham como mão-de-obra desqualificada. Quem permanece tem que arrendar terras a um preço muito alto nas fazendas vizinhas. Alguns fazendeiros iniciaram ações de retaliação, negando qualquer tipo de arrendamento de terra aos quilombolas, obrigando-os a desbravar novos terrenos na maioria das vezes em serras íngremes e pedregosas. A construção de cisternas para a coleta e armazenamento de água da chuva trouxe alguns benefícios para a comunidade quilombola, mas isso só atende ao consumo humano, deixando em aberto o problema do abastecimento de água para as plantações e animais. Mesmo assim, ainda tem muitas famílias que não possuem as cisternas, sendo obrigadas a procurar água, na maioria das vezes de péssima qualidade, em açudes e barreiros distantes. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 4 - Quilombo Matão



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

- **Trabalhos manuais**

Existe a tradição de produzirem utensílios domésticos de argila, confecção de labirinto, crochê, costura e outras atividades afins. Tais trabalhos feitos, na maioria por mulheres, objetivam complementar a precária renda familiar, que em 71% dos casos está abaixo ou no limite de um salário mínimo. Vale a pena salientar que a principal renda dos quilombolas é constituída pela aposentadoria dos idosos. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 5 - Quilombo Grilo



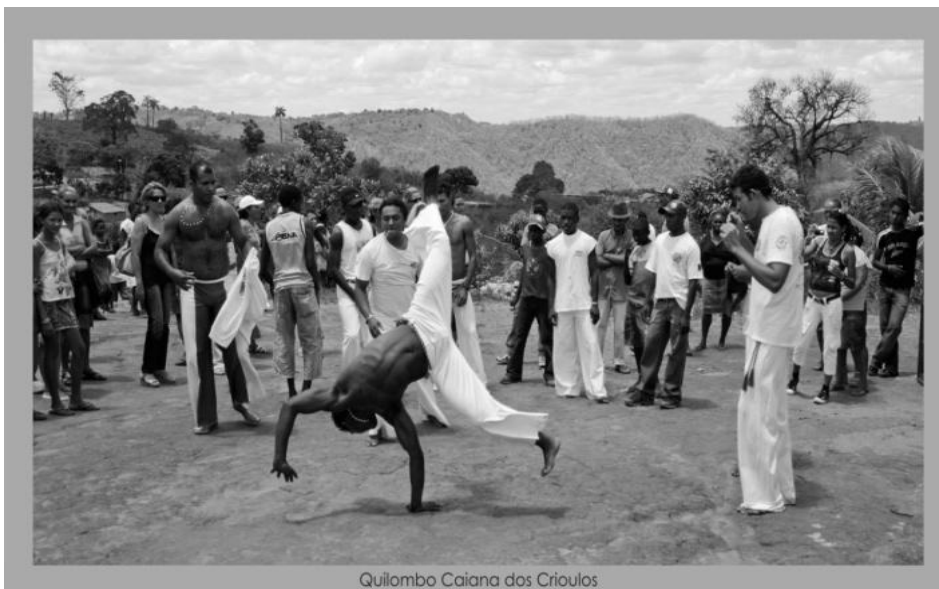
Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

- **Festas e religião**

Devido à história de formação da comunidade e ao sentimento de ser uma única família, os quilombolas manifestam-se de muitas maneiras, a começar pelo regime tradicional do mutirão (nos roçados, nas farinhadas, na construção das casas, no transporte dos doentes, etc.), nas festas religiosas, nos velórios, nos casamentos, nos aniversários e até nas festas promovidas pelo retorno de pessoas que passaram muito tempo longe. Em várias comunidades, tais festividades são celebradas ao ritmo da ciranda, do coco de roda, forró, capoeira, maculelê. A religião predominante é a católica, a qual ao longo dos anos se tornou um dos mais importantes elementos de agregação. O seu enraizamento profundo se manifesta claramente nos momentos tradicionais: novenas, festejos juninos, missas, batizados, etc. Muitas famílias têm fotografia dos antepassados ao lado de imagens de santos. Existem também pequenos oratórios bem cuidados e reverenciados pela comunidade. (BANAL, 2012).

FOTOGRAFIA 6 - Quilombo Caiana dos Crioulos

Fontes: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

FOTOGRAFIA 7 - Quilombo Caiana dos Crioulos

Fontes: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

3.2 Documentos fotográficos

Com este mapeamento do nosso tema e objeto de estudo, sobretudo, exemplificado pelas fotografias acima, partimos, para uma fundamentação teórica que nos pareceu oportuna neste momento começando pelos conceitos sobre documentos fotográficos, logo após avançaremos para a relação da memória com a fotografia.

3.2.1 Conceitos

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.76), “documento iconográfico é o gênero documental integrado por documentos que contêm imagens fixas, impressas, desenhadas ou fotografadas, como fotografias e gravuras.”. E complementa que, “documento fotográfico é a fotografia em positivo ou negativo” e conceitua negativo (2005, p.124) como “imagem fotográfica formada quando se impressiona diretamente uma chapa ou um filme (1), em que os tons claros e escuros do objeto aparecem invertidos”.

Segundo Barbosa, Malverdes e Silva (2010, p.4.), a classificação dos arquivos quanto à natureza dos seus documentos estabelece dois tipos: arquivos especiais (documentos não textuais – iconográficos, cartográficos, audiovisuais, etc – ou de suportes específicos – CD, DVD, microfilme, dentre outros) e arquivos especializados (documentos sobre determinado assunto específico – arquivos médicos, eclesiásticos, jurídicos, etc.).

Com base no exposto acima consideramos arquivos fotográficos como sendo aqueles especiais quanto à sua natureza.

Sobre este assunto Paes (2007, p.147) afirma que:

arquivos especiais são aqueles que têm sob sua guarda documentos em diferentes tipos de suportes e que, por esta razão, merecem tratamento especial não apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle e conservação.

Quanto ao suporte, este é entendido como o material no qual registramos as informações.

Paes (2007, p.147) ressalta que, “arquivos especiais e especializados estão perfeitamente inseridos no campo da arquivologia, que dispõe dos princípios e técnicas para a sua correta organização”. Esta autora (2007, p.148) acrescenta que, um jornal ou estação de TV, por

exemplo, além do seu arquivo como empresa, possuem arquivos especiais, como fotografias, discos, filmes etc, os quais servirão de informativos para seu corpo redatorial e embora distintos, deverão ser administrados como conjunto arquivístico.

De acordo com Barbosa, Malverdes e Silva (2010, p.5.):

A fotografia é resultado de experiências desenvolvidas por cientistas em diversas épocas e lugares desde a antiguidade. Fundamenta-se pela invenção da câmara escura e a existência de material fotossensível. O veículo para a efetiva realização da imagem é a luz.

A fotografia surgiu no século XIX e no século XX começou a fazer parte de acervos. De acordo com Kossoy (2001 *apud* BARBOSA; MALVERDES; SILVA, 2010, p. 5) “fotografia é a técnica de reprodução de um momento único da realidade obtida através da luz e a sua devida fixação em um suporte sensível. Sua principal finalidade é registrar um fato da realidade em um determinado espaço e tempo”.

No Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.52) coleção é definida como o “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”.

Em relação a esse assunto, Albuquerque e Moraes (2009, p.2) afirmam que:

A fotografia, desde seu aparecimento, foi vista através de seu caráter documental, baseado no princípio de prova e realidade que a caracterizam. Talvez por esse motivo, sua capacidade de representar cenas como se fossem totalmente reais, exerça um fascínio que se junta à vontade de guardar, tanto no sentido afetivo quanto documental.

Dessa forma, vão surgindo às coleções de fotografias que, com o passar dos anos, refletirão a cultura de uma época. Além disso, à medida que elas vão sendo armazenadas em um acervo, vão construindo a memória daquilo que elas representam. Essa concepção da memória será tratada na seção seguinte.

Segundo Henrique (2010, p.106), no texto intitulado: *O lugar da fotografia nos arquivos: uma proposta de reavaliação*, “a fotografia pode ser entendida sob diversas perspectivas: fonte iconográfica (ou objecto); memória (ou artefacto) e documento de arquivo.”.

Devido às diversas perspectivas, em relação ao termo “Fotografia” – pois trata de um conceito bastante abrangente – a autora tem o cuidado de conceituar o termo Fotografia como um documento de Arquivo, e assim, “adotou-se a denominação de <<documento fotográfico>> para designar variados objectos, procurando incorrer em menor imprecisão”

(2010, p.106). E menciona Luiz Pavão para mostrar que se deve estar consciente do que implica o conceito “fotografia”:

[...] o termo fotografia pode referir-se a objetos diversos e muito diferentes entre si. Quando dizemos uma fotografia podemos estar a falar de uma prova a preto e branco, de um diapositivo, de um negativo em vidro, de daguerreotipo ou de um postal; podemos designar a imagem exposta na parede de um museu, publicada num jornal ou exibida num expositor gigante à beira de uma auto-estrada. (PAVÃO, 1997, p.69).

Para este trabalho utilizamos a terminologia documento fotográfico porque entendemos que está atualizada do ponto de vista conceitual e é reveladora do conjunto documental do acervo investigado.

3.3 Memória e fotografia

O documento fotográfico é considerado um instrumento de registro da memória e representa um momento único. Possui valor histórico e documental e conforme Barbosa, Malverdes e Silva (2010, p. 2), a fotografia significa “fonte de informação e sua comunicação se realiza através de mensagens não verbais, cujo signo constitutivo é a imagem. Desperta emoções e promove o resgate da memória”.

Dessa forma, como a fotografia possui valor histórico e documental, faz-se necessário preservar os acervos fotográficos, os quais são indispensáveis para conservar a memória de uma sociedade. Assim, a preservação e conservação desses acervos são essenciais para a permanência do patrimônio cultural de uma nação.

No caso específico do nosso objeto de estudo, temos alguns exemplos dessa construção da memória e da multiplicidade de eventos que faz parte das ações do fotógrafo o que comprova, além da historicização de uma realidade, em termos práticos, o volume de seu acervo que se acumula a cada dia.

3.3.1 Sobre o acervo quilombola

Com base nos dados levantados e na entrevista realizada com o fotógrafo Alberto Banal, no dia 30 de setembro de 2012, em sua residência, todo o seu acervo fotográfico é de aproximadamente, 170 a 180 mil fotografias. Possui uma parte em papel e outra em positivo.

Porém, nos últimos oito ou nove anos, prevaleceu o digital. Além disso, uma parte encontra-se na Itália.

Do total do seu acervo, cerca de 20 mil fotografias são dos quilombolas da Paraíba, juntamente com 11 ou 12 mil que foram tiradas pelos seus alunos das comunidades quilombolas. Portanto, mais de 30 mil fotografias estão vinculadas a história dessas comunidades.

O fotógrafo confirma que seu trabalho é temático (quilombolas da Paraíba) e explica que tudo começou com sua relação com a AACADE ao perceber que ninguém sabia quase nada sobre o trabalho da instituição. Então, começou a fazer documentários e, foi normal continuar com esse trabalho para dar visibilidade às comunidades quilombolas. No entanto, sua participação não está restrita, exclusivamente, a tirar fotografias, mas participar efetivamente de trabalho em prol das comunidades quilombolas.

Alberto Banal tem consciência de que está criando uma memória quilombola e o que este registro representará para as comunidades na posteridade, ou seja, tem consciência da relevância social do seu trabalho com este recorte temático. Sendo assim, na entrevista explica: “a fotografia para os alunos é um meio para construir uma memória da comunidade e sabemos que está certo. É muito importante para eles hoje, para dar visibilidade, mas também para criar uma memória para o futuro”. (BANAL, 2012).

Como dito anteriormente, vários eventos fazem parte das ações do documentarista, os quais contribuem para a construção da memória quilombola da Paraíba, conforme veremos a seguir:

FOTOGRAFIA 8 - Exposição da cultura afro-brasileira – Cobrás, João Pessoa/PB



Fonte: Adaptado do Acervo de Alberto Banal, 2006.

FOTOGRAFIA 9 - Semana da Consciência Negra na Paróquia Jesus Ressuscitado, nos Bancários, João Pessoa/PB



Fonte: Adaptado do Acervo de Alberto Banal, 2007

FOTOGRAFIA 10 - Retratos do povo negro da Etiópia e do povo das Comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba – SESI.



Fonte: Adaptado do Acervo de Alberto Banal, 19 a 23 de maio de 2008.

FOTOGRAFIA 11 - Retratos do povo negro da Etiópia e do povo das Comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba – SESI.



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2009.

FOTOGRAFIA 12 - Retratos do povo das Comunidades afrodescendentes de João Pessoa, Paraíba - Praça dos Três Poderes



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 10 de novembro de 2008.

FOTOGRAFIA 13 - II Conferência Estadual de Promoção da Igualdade Racial, João Pessoa/PB



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2009.

FOTOGRAFIA 14 - Quilombos da Paraíba, “A realidade de hoje e os desafios para o futuro”, Estação Cabo Branco Ciência Cultura & Artes – João Pessoa/ PB



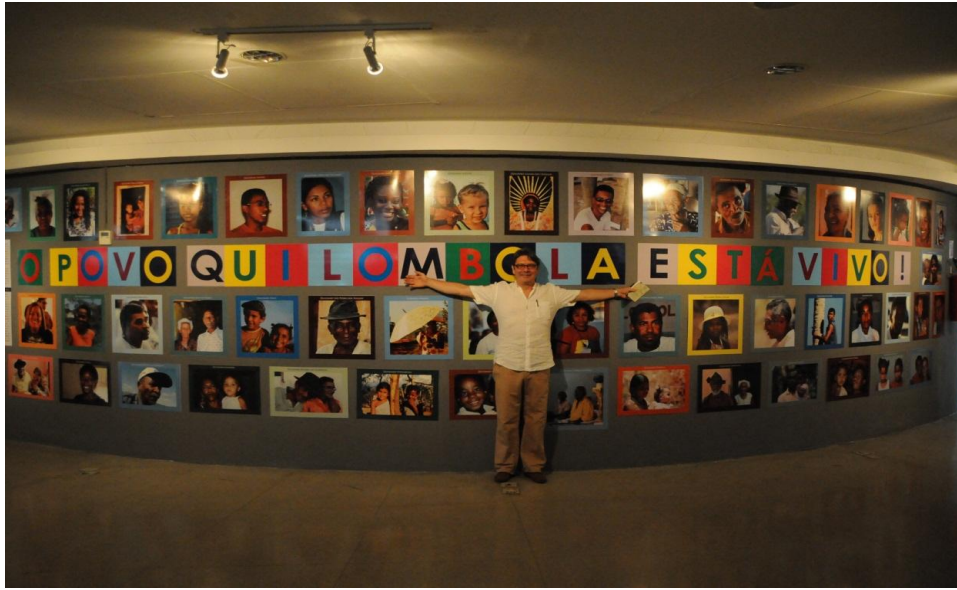
Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

FOTOGRAFIA 15 - Quilombos da Paraíba, “A realidade de hoje e os desafios para o futuro”, UPE - Universidade de Pernambuco, Petrolina/PE



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

FOTOGRAFIA 16 - Mostra fotográfica realizada na Estação Ciência em 2011



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

FOTOGRAFIA 17 - MAC/ UEPB-2012



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2012.

Entendemos que este material, o qual faz parte do passado recente, reconstrói a memória de um povo que aguarda por uma cidadania plena. Assim, em observação *in loco*, verificamos a atitude profissional e mesmo a paixão do fotógrafo por este trabalho. No entanto, não podemos afirmar que o mesmo tem os dados necessários para que possa ter um plano de preservação do material que produz. Assim, torna-se premente que algo seja feito no sentido de criar alternativas para melhor guarda e manuseio do acervo. Dessa forma, ainda que breve, faremos uma recuperação dos principais estudos sobre preservação de documentos fotográficos, tentando estabelecer uma relação entre a teoria e a prática apresentada pelo objeto da pesquisa.

3.4 Preservação e conservação de documentos fotográficos

3.4.1 Conceitos

Com base no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 135), preservação é “prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e\ou químico” e conservação (2005, p.53) é promoção da preservação, bem como da restauração dos documentos.

No que diz respeito aos tipos de imagens fotográficas, ou seja, analógica e digital, Pavão (2002, p.8) caracterizou-as da seguinte forma:

a imagem analógica, ou fotografia tradicional, é constituída por grãos de prata, pigmentos, corantes, ou outro material formador de imagem, depositado sobre um suporte material (papel, plástico, vidro, etc). É um material de visualização directa, que não requer descodificação, basta haver luz para ser lida. O observador não necessita de qualquer informação adicional para visualizar o conteúdo, embora seja necessária informação adicional, na maioria dos casos, para o relacionamento da imagem com o seu contexto.

Pavão (2002, p.8) afirma que a imagem analógica pode ser reproduzida por meios fotográficos, para outro suporte, mas que neste processo há sempre uma perda de qualidade. Em relação ao outro tipo de imagem (digital), o autor apresenta-a como:

um código numérico, gravado num suporte tecnológico, que depois de ser descodificado se apresenta como um conjunto de pontos discretos, elementos ínfimos, chamados pixels. (pixel = Picture + element). No suporte onde está gravado, cada pixel é representado por um número, em sistema binário, que descreve a cor e intensidade luminosa daquele ponto. A imagem é assim guardada fisicamente sob a forma de um ficheiro constituído por «0» e «1». Para ser vista como imagem,

esse ficheiro terá de ser decodificado por uma máquina (computador). Pode ser reproduzido sem perda de qualidade.

No item seguinte, trataremos dos fatores de deterioração que mais contribuem para a decadência do material fotográfico, caso não sejam adotadas medidas adequadas.

3.4.2 Fatores de deterioração

Ao conhecermos a natureza dos materiais que compõem os acervos, bem como seu desempenho perante os fatores aos quais estão expostos, torna-se possível detectar os elementos prejudiciais e, assim, planejar ações de conservação com a finalidade de diminuir seu ritmo de deterioração, seja através de cuidados com o ambiente, manuseio, higiene, entre outros.

Segundo Henrique (2010, p.108) há várias causas para a deterioração dos documentos fotográficos, como: humanas, ambientais, biológicas, por deficiência no processamento ou químicas, neste caso, relativas à instabilidade dos materiais. Entre as causas de deterioração humana podemos citar:

impressões digitais, diversas manchas (provenientes do contacto com superfícies, tinta, cola, comida, gordura, chá ou café) a aplicação de selos de correio, de carimbos, de etiquetas ou adesivos sobre as provas. Podem também ser observados rasgões, vincos, dobras e cantos estragados. Algumas espécies apresentam restos de elásticos, clips, agrafos ou furos. Estas causas são resultados do manuseio não indicado para prática arquivística.

Henrique (2010, p.108) acrescenta que, no que se refere à deterioração causada por condições ambientais, poderemos citar diversos fatores como:

sujidade geral, amarelecimento de diversas zonas, desvanecimento da imagem, o amolecimento da gelatina e posterior aderência à embalagem contentora, o desvanecimento das cores, a decomposição do vidro de suporte dos negativos, o descolamento da emulsão e diversas deformações físicas. Estes tipos de deteriorações resultam da exposição dos documentos a condições ambientais adversas.

No caso da deterioração biológica, esta pode ser causada por insetos, roedores, fungos, etc. Henrique (2010, p.108,109) afirma ainda que, entre as deficiências de processamento, estão o amarelecimento geral e a formação de manchas amarelas ou castanhas na imagem, que possivelmente é resultado de lavagem insuficiente, já as manchas castanhas ou púrpuras, nas zonas sem imagem resulta da deficiência de fixação. A instabilidade dos

materiais também causa deterioração nos documentos. Pode verificar-se o amarelecimento e fragilização do suporte de nitrato de celulose porque este material é instável quimicamente.

Para Cassares (2000, p.13), existe estreita ligação entre os fatores de degradação, por isso, o processo de deterioração toma proporções devastadoras. Os agentes de deterioração podem ser classificados em Fatores Ambientais, Fatores Biológicos, Intervenções Impróprias, Agentes Biológicos, Furto e Vandalismo.

Sobre esse assunto, Mustardo e Kennedy (2001, p.8) destacam que entre os fatores que mais contribuem para a deterioração das fotografias podemos citar: áreas de armazenamento inadequadas, materiais de acondicionamento de baixa qualidade, prática de manuseio inapropriada e ataques biológicos, entre outros.

Mustardo e Kennedy (2001, p. 9) afirmam que:

as condições ideais recomendadas para processos fotográficos específicos podem variar ligeiramente dependendo da fonte pesquisada. Em coleções formadas por uma grande variedade de materiais fotográficos torna-se quase impossível a tarefa de proporcionar as condições específicas ideais para cada processo. Porém, consideráveis esforços devem ser feitos para manter a temperatura dentro do parâmetro moderado ($20^{\circ} \pm 2^{\circ}\text{C}$) e a umidade relativa entre 35-45% $\pm 5\%$. É consenso no campo da conservação fotográfica que o método mais eficiente para diminuir a deterioração de fotografias é o controle rígido da umidade relativa. As variações cíclicas diárias, semanais ou mensais devem ser evitadas a todo custo.

Trazendo essas noções para nossa pesquisa, é relevante destacar que o fotógrafo traz muitas experiências, pois já visitou 44 países. Possui diário de quase todas as viagens e realizou várias exposições, usando as fotografias como um meio para aprofundar a realidade dos países que visitou. Quanto ao Brasil, que para ele é sua segunda pátria, tem noções, sobretudo, das diferenças climáticas das regiões, temperatura e umidade do ar.

Já visitou vários lugares, entre os quais: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Fortaleza, Natal, São Luiz e Belém. Ainda não conhece Minas Gerais, mas sabe da importância da sua história e do seu rico patrimônio cultural para o País. Sobre as diferenças climáticas, na entrevista vai mais além, quando diz:

a concentração de um arquivo em Porto Alegre tem problemática totalmente diferente de um arquivo em Belém. Assim, essa grande diferença de climas que tem no Brasil, exigem programas diferentes de enfrentamento dos problemas de concentração dos museus, arquivos e todo o material histórico, cultural e artístico, mas também a grande problemática das enchentes, do Brasil. Quantas vezes temos enchentes, muitas vezes por culpa da natureza, mas outras vezes porque os córregos estão repletos de lixo. Tudo isso, em decorrência dessa falta de cultura do problema do meio ambiente. (BANAL, 2012).

Entretanto, todo seu conhecimento sobre temperatura e umidade relativa do ar, não foi suficiente para evitar a deterioração de algumas fotografias pertencentes ao seu

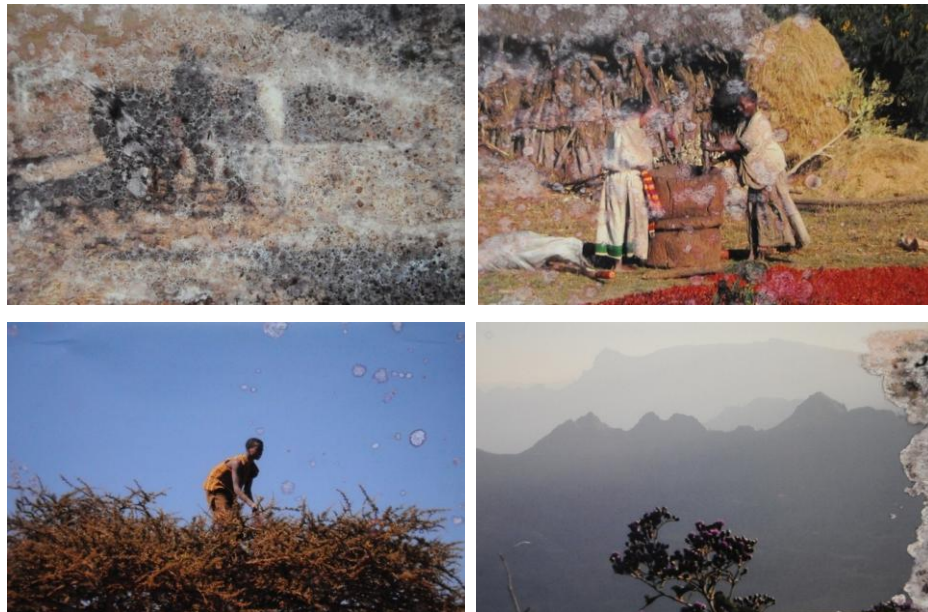
acervo, embora ele afirme que tem as mesmas em formato digital. Vejamos um exemplo clássico:

FOTOGRAFIA 18 - Painel com fotografias deterioradas por fungos



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2010.

FOTOGRAFIA 19 - Fotografias deterioradas



Fonte: Adaptada do Acervo de Alberto Banal, 2010.

No painel de fotografias acima, todas de autoria do fotógrafo Alberto Banal, podemos verificar com clareza a degradação das mesmas através de fungos. Algumas em início de decadência e outras, completamente deterioradas. Assim, podemos concluir, com base no que já foi exposto, que isso ocorreu devido às condições inadequadas de temperatura e umidade relativa do ar no ambiente.

É relevante destacar que o fotógrafo fala que nunca teve problemas, até hoje, de umidade, a exceção, de uma parte do material de uma exposição, que, não sabendo onde guardá-lo, colocou dentro de uma caixa de madeira, no chão, e quando meses depois foi pegá-los, as fotografias já estavam estragadas, trata-se das fotos acima mostradas. Porém, ele faz uma observação na entrevista, dizendo: “não foi uma grande perda para mim, porque aquela era uma velha exposição que eu não queria fazer de novo, e se eu precisar era só revelar de novo as fotos.” (BANAL, 2012).

Com base no pensamento, citado acima, verificamos que não há uma programação para acondicionamento do seu material e quando diz que não foi uma grande perda para ele e, caso precise, poderá revelar novamente, constatamos que, com uma melhor organização e uma política de preservação que inclua o lado financeiro, ou seja, “preservar para não restaurar”, nem fazer novas cópias do material, poderá fazer grande diferença para sua instituição, pois o mesmo poderá investir o que economizar em outras atividades.

Conforme Mustardo e Kennedy (2001, p. 9), entre os agentes biológicos capazes de danificar objetos fotográficos, destacamos os fungos, os quais causam manchas e deteriorações do suporte; os insetos e especialmente roedores que mastigam o suporte fotográfico. Para os autores (2001, p.10) o material suspeito deve ser isolado dentro de sacos de polietileno, até que possam ser analisados por um conservador ou alguém com o conhecimento adequado em relação ao assunto.

Mustardo e Kennedy (2001, p.10) ainda afirmam que a qualidade do ar também é outro fator importante, pois os compostos químicos transportados pelo ar (presentes na queima de combustíveis fósseis, óleos e carvão) e suas combinações com a umidade, colaboram na deterioração dos registros fotográficos.

De acordo com o quadro abaixo, observamos os agentes que comprometem a qualidade das fotografias, assim como, o que provocam nos documentos, ou seja, suas consequências. Vejamos a seguir:

QUADRO 1 - Fatores que comprometem a qualidade dos documentos

FATORES QUE COMPROMETEM A QUALIDADE DOS DOCUMENTOS	
AGENTES	CAUSAS
- Umidade alta - Ar seco - Temperatura inadequada - Luminosidade	- Mofo - Ressecamento - Enfraquecimento do papel - Desaparecimento das tintas
- Poeira/sujeira - Fumaça - Objetos metálicos - Alimentos - Colas/Fitas adesivas	- sujam os documentos - envelhecem os documentos - oxidação/manchas - provocam o aparecimento de insetos - envelhecem o papel mais rapidamente
- Insetos - Microrganismos - Ácaros - Ratos - Ser humano	- causam buracos/danificam os documentos - causam mofo - causam buracos/danificam os documentos. - não têm os cuidados necessários.

Fonte: Arquiservice - Gestão Documental, 2012.

Através do quadro acima, confirmamos o que discurremos anteriormente sobre os fatores de deterioração, pois verificamos que a umidade alta leva ao aparecimento de mofo; temperaturas inadequadas causam o enfraquecimento do papel; a poeira suja os documentos, bem como os insetos provocam buracos e danificam os mesmos, entre outros fatores mencionados.

Certamente, para qualquer plano de construção de um arquivo (ambiente físico) deve-se levar em conta o clima da região onde se vai construir. Nós vivemos no Nordeste do Brasil, onde o sol predomina na maior parte do ano e, especificamente, na Paraíba. Segundo dados oficiais do Governo da Paraíba, disponível em: <<http://www.encontrapb.com.br/>> e: <<http://www.paraiba.pb.gov.br/>>:

o clima é tropical úmido no litoral, com chuvas abundantes. À medida que se desloca para o interior, depois da **Serra da Borborema**, o clima torna-se semi-árido e sujeito a estiagens prolongadas e precipitações abaixo dos 500mm. As temperaturas médias anuais ultrapassam os 26° C, com algumas exceções no Planalto da Borborema, onde a temperatura média é de 24° C.

Como estamos no litoral, devemos ter toda a atenção para a umidade e a abundância das chuvas quando chegam, porque não há regularidade neste sentido. Cuidados como controle de luz, umidade, infiltrações, surgimento de goteiras indicam preocupação constante. No referente ao acervo, como está localizado em um ambiente inadequado a grande preocupação se refere ao controle da luz solar e da temperatura.

3.4.3 Preservação de fotografia analógica

Conforme Pavão (2002, p.9), a preservação da fotografia analógica é norteada em dois princípios básicos da conservação: o controle ambiental do arquivo e o controle do uso dos originais fotográficos. Com o primeiro, procuramos minimizar a decadência interna, retardar as reações químicas entre os materiais que compõem as fotografias e destes com o meio ambiente; já com o segundo, isto é, o controle do uso, tentamos reduzir as causas externas de decadência, embora para visualização dos originais fotográficos, somos forçados ao seu manuseamento físico.

Pavão (2002, p.10) adverte que, mesmo sem manuseamento e, em condições de umidade e temperatura adequadas, as fotografias originais continuarão caminhando lentamente para a decadência porque os materiais da sua composição não são eternos. Assim, a decomposição é contínua, sendo uma característica intrínseca da fotografia analógica. O papel sofre o processo da hidrólise ácida. As fibras de celulose quebram, levando ao seu amarelecimento e fragilidade. A prata sofre um processo de oxidação-redução, resultando em danos visíveis na imagem. Os corantes decompõem-se e a imagem desvanece-se. “não estão livres de catástrofes naturais mais correntes, guerras, incêndios e inundações, nem mesmo das catástrofes geradas pelas próprias instituições, como obras no edifício, mudanças, períodos de crise e abandono”.

Em relação ao que foi exposto acima, na coleta de dados para nossa pesquisa confirmamos que o fotógrafo tem conhecimentos sobre o que o autor falou, inclusive conhece a respeito da área do saber intitulada Arquivologia, bem como da problemática em relação à conservação do suporte.

Portanto, ele tem noções sobre preservação e conservação de documentos, além da questão da temperatura e umidade, porém muitas vezes como o olhar do profissional está focado numa meta, acaba deixando de lado alguns princípios básicos ou relegando a um segundo plano. Dessa forma, cabe ao profissional arquivista a tarefa de convencer os proprietários de acervos a colocá-los em prática.

Segundo Pavão (2002, p. 10), para a preservação das fotografias mais instáveis, é necessário, não apenas de depósito climatizado com controle do uso, mas que sejam colocadas em ambiente frio, o qual contribui para sua longa duração. Por exemplo, a fotografia à cor atual, que é instável à temperatura ambiente. Sendo assim, os corantes orgânicos presentes em sua composição, decompõem-se com o calor e a imagem tende a desaparecer, mas se o seu depósito for colocado em ambiente frio, esta decomposição poderá ser reduzida.

No acervo objeto de nosso estudo, há um condicionador de ar, mas não há um controle de temperatura. Além disso, não há controle de umidade, nem de luminosidade. Em relação a esta questão o fotógrafo declara (mostrando o álbum) na entrevista que, “a luz ali não importa; tem umidade, mas é mais ou menos no padrão, por isso não é preocupante.” (BANAL, 2012).

Quanto a esse pensamento, concluímos que, se não existem os equipamentos necessários para o controle adequado, então, conseqüentemente, não poderemos afirmar que a umidade está no padrão, muito menos que não é preocupante, ou seja, somente com os equipamentos adequados teremos a certeza se estão em condições satisfatórias.

Quanto à higienização do acervo, o fotógrafo relata que não é feita porque até hoje não encontrou ácaros, mas que no dia que encontrar começará a fazer. Acrescenta que a dedetização da casa é feita. Já em relação à segurança do acervo, possui seguro contra incêndio, mas não há um programa de prevenção. Em relação a esta fala, podemos destacar que não temos certeza da não existência de ácaros nos documentos, pois como vimos anteriormente, a poeira suja os documentos, além do fato de que a higienização é necessária, sendo a primeira ação a ser realizada no acervo com a finalidade de conservá-los.

De acordo com Paes (2007, p.152), “devido às peculiaridades de seu suporte – filme – os negativos devem ser acondicionados em tiras, em envelopes confeccionados em papel de pH neutro ou polietileno”. Na entrevista o documentarista informou que 40% pelo

menos, das fotografias que trabalhou no papel, possuem também os negativos originais, os quais estão guardados em caixa de plástico².

Todos os materiais que terão contato direto com as fotografias deverão ser de boa qualidade, para proteger a imagem contra impressões digitais, dobras, etc.

Além da inadequação no referente aos aspectos de acondicionamento, o acervo físico do documentarista não possui uma classificação e nem descrição, pois não há um guia, nem catálogo das fotografias, embora estes assuntos não sejam da nossa competência, sabemos da relevância dos mesmos para a organização de um acervo. Além disso, as fotografias, apesar de estarem acondicionadas em álbuns ou adaptadas para exposições, encontram-se armazenadas em dois quartos separados, e como dito anteriormente, não é feita a higienização das fotografias, não tem controle de luz, não tem controle da temperatura, nem controle da umidade, medidas fundamentais para conservação dos documentos fotográficos.

Na seção seguinte, abordaremos a preservação do acervo digital, pois no nosso campo de estudo (quilombolas da Paraíba), a maioria das fotografias tiradas pelo documentarista estão em formato digital.

3.4.4 Preservação digital

3.4.4.1 Conceito

Segundo Conway (2001, p.14), “preservação é uma palavra que envolve inúmeras políticas e opções de ação, incluindo tratamentos de conservação”. O autor complementa que “preservação é a aquisição, organização e distribuição de recursos a fim de que venham a impedir posterior deterioração ou renovar a possibilidade de utilização de um seletivo grupo de materiais”.

Com o avanço das tecnologias da informação é cada vez mais frequente o uso do termo preservação digital de documentos, embora um dos dilemas seja a questão da fidedignidade na preservação da memória.

De acordo com Ferreira (2006, p.20) preservação digital é:

O conjunto de atividades ou processos responsáveis por garantir o acesso continuado a longo-prazo à informação e restante patrimônio cultural existente em formatos digitais. A preservação digital consiste na capacidade de garantir que a informação digital permanece acessível e com qualidades de autenticidade suficientes para que possa ser interpretada no futuro recorrendo a uma plataforma tecnológica diferente da utilizada no momento da sua criação.

² Na verdade, não fazem parte do acervo dos quilombolas, no entanto citamos como exemplo, pois mostra a inadequação da guarda.

Segundo Rondinelli (2002 apud SANTOS; INNARELLI; SOUSA, 2007, p.23), os documentos eletrônicos exigem mais atenção, devido ao fato de serem constantemente ameaçados pela fragilidade do suporte, bem como pela obsolescência tecnológica. Rondinelli também considera que no meio digital o suporte e o conteúdo são separáveis, permitindo a migração contínua de mídia, o que acontece devido à fragilidade da mídia e à obsolescência tecnológica. Porém esta migração aumentará a probabilidade de alteração e, conseqüentemente, a garantia da fidedignidade e autenticidade torna-se mais difícil.

Com base no que foi dito nos parágrafos acima, sobre arquivo digital, Alberto Banal diz que o problema das pessoas que trabalhavam nos arquivos para a conservação da organização, guarda do acervo fotográfico, anteriormente, eram problemas ligados a deterioração do papel ou de coisas imprevistas como enchentes, incêndio, problemas do equipamento, da umidade, mas com a fotografia digital tudo isso mudou. Além disso, na entrevista, Banal avalia:

ou você guarda, deixa tudo fechado no arquivo, bem perfeito tudo isso, mas não existe ninguém que pode utilizar e se você não pode utilizar o arquivo, para que serve o arquivo? Para nada. Mas se você pensa a consulta cotidiana, vai deteriorar tudo. Com o digital isso não existe (BANAL, 2012).

Sobre essa fala do autor, destacamos que, conforme já vimos ao longo da pesquisa, Pavão afirma que mesmo sem manuseamento e, em condições de umidade e temperatura adequadas as fotografias originais (analógicas) continuarão lentamente rumo a decadência.

Um dado interessante do documentarista é quando ele fala sobre o problema fundamental do arquivo digital. O fotógrafo afirma na entrevista que:

o suporte é onde guardamos as fotografias e são: HD, DVD, pen drive, entre outros. Enfatiza que o problema da cópia não existe, pois é igual ao original. As cópias analógicas, quando você chega na terceira ou quarta cópia, já perde a qualidade. Porém, no digital se é perfeita a cópia, não existe problema vai ser tudo igual e a qualidade é sempre a mesma. Mas acontece que há a obsolescência de tudo: do suporte, do sistema, do software, dos equipamentos. (BANAL, 2012)

Esse pensamento do fotógrafo Banal é concordante com o que afirma Pavão (2002, p.8) que em termos de qualidade, definição e fidelidade de cor, dez anos atrás a fotografia digital ainda estava muito aquém da analógica, mas com o progresso tecnológico ela foi se aproximando da fotografia analógica em termos de qualidade. Pavão (2002, p. 11) destaca que, se compararmos a reprodução dos dois tipos de imagens e, se a imagem digital

for de boa qualidade, teremos toda a facilidade em reproduzi-la, de geração em geração, sem perda da qualidade da imagem.

Isto é uma grande inovação do sistema digital: o original e a cópia são exatamente iguais. Dessa forma, Pavão (2002, p. 11,12) avisa que não faz mais sentido falar em original, nem em segunda geração, porque esta é igual a terceira e, esta igual a quarta e, assim, sucessivamente, considerando que o processo de cópia seja realizado dentro de certas regras e que seja feito um controle da qualidade da cópia produzida. Trata-se de uma verdadeira revolução na preservação da imagem, pois a qualidade da imagem digital mantém-se ao longo do tempo.

Em contrapartida, segundo Pavão (2002, p.12,13), a imagem digital é invisível, sendo apenas um ficheiro que conseguimos ver com a ajuda de um decodificador. Assim, com a evolução tecnológica dos últimos anos, um sistema digital é ultrapassado por outro mais moderno, tornando-se em pouco tempo um sistema arcaico.

Pavão (2002, p.13) destaca que inevitavelmente os sistemas antigos tornam-se obsoletos. Provavelmente, em menos de uma década, as imagens por eles geradas ou mantidas não poderão mais ser lidas, decodificadas ou reproduzidas pelos novos sistemas, inclusive a indústria tende a abandonar a produção do sistema antigo. Portanto, tornam-se obsoletos os equipamentos e programas, bem como os formatos de gravação e de formatação de suporte. Com base no exposto, verificamos que o fotógrafo tem amplo entendimento da problemática que envolve a preservação digital e sobre isso, exemplifica na entrevista:

vou mostrar os positivos, claro eu posso pegar um positivo e colocar assim, eu vejo algo, mas não é esse jeito. Aqui você tem que ter o equipamento para projetá-lo na parede. Se você não tem este é um arquivo inviável, inutilizado. Mas é ainda simples, você pega o meu primeiro livro que estava naquele disquete antigo. Eu não tenho mais computador adequado para lê aquele disquete. Naquele disquete eu tinha alguns trabalhos que fiz: como uma música digitalizada, estão perdidos, eu não posso mais lê. Mas se eu mostrar essas fitas, Antes eu usava super 8 (8mm). Eu tenho guardado todos os 8mm, eu não posso mais utilizar, porque as minhas 2(duas) velhas vídeo-câmeras de 8mm estão quebradas e ninguém vende no mercado hoje, essas vídeo câmeras. Só aquelas fitas de 8mm que eu digitalizei, numa segunda fase, eu ainda tenho. Naquele tempo você perdia qualidade, agora nem consigo lê. Muitas dessas estão em HD, alta definição. Agora a minha vídeo câmera quebrou, em HD, eu não consigo mais lê essas fitas. Felizmente todas essas fitas já estão digitalizadas. Vem assim a minha pergunta, se todos esses já estão digitalizados, e com certeza as vídeo câmeras que vão ler este tipo de fita daqui a 3 ou 4 anos não existirão mais porque todas as vídeo câmeras tem uma memória ou HD. Esse é um arquivo inútil. Simplesmente inútil porque ninguém consegue ler. O grande problema é a obsolescência dos meios, dos softwares, de tudo isso. (BANAL, 2012)

Para o fotógrafo, os arquivistas, sobretudo as instituições tem esse grande problema da obsolescência de tudo: do leitor do software, do suporte, etc. Isto se coaduna

com o que diz o Pavão (2002, p.13) ao ressaltar que inevitavelmente os sistemas antigos tornam-se obsoletos. Provavelmente, em menos de uma década, as imagens por eles geradas ou mantidas não poderão mais ser lidas, decodificadas ou reproduzidas pelos novos sistemas, inclusive a indústria tende a abandonar a produção do sistema antigo. Portanto, tornam-se obsoletos os equipamentos e programas, bem como os formatos de gravação e de formatação de suportes.

Pavão (2002, p. 09) afirma que os princípios que regem a preservação de imagens digitais parecem ser bem diferentes daqueles usados para imagens analógicas. Teoricamente, a tecnologia digital é a única que nos pode garantir a preservação das imagens em longo prazo, pois a imagem digital não sofre a decadência progressiva, que é uma característica inerente das imagens analógicas. Nestas, a perda de informação vai acontecendo sempre, num processo contínuo, que não conseguimos interromper. Sendo assim, o conservador de fotografia analógica tem a missão de tornar esta decadência, mais lenta possível.

De acordo com o que foi exposto, no parágrafo anterior, sabemos que a imagem digital não sofre a decadência progressiva, mas algumas variáveis afetam as mídias digitais.

Segundo Santos, Innarelli e Sousa (2007, p. 25), documentos, informações e sistemas de valor permanente estão sendo perdidos com muita frequência por descuido com as mídias, por falta de migração tecnológica ou por falta de política de preservação na instituição.

Os autores citados no parágrafo anterior destacam que, entre as variáveis que mais afetam as mídias, temos: a temperatura, a umidade relativa do ar, tempo de uso, a qualidade da mídia, campos magnéticos, manipulação e a poluição. Estes autores apresentam dez mandamentos como princípios para a preservação digital, que são:

- 1- Manterás uma política de preservação;
 - 2 - Não dependerás de hardware específico;
 - 3- Não dependerás de software específico;
 - 4- Não confiarás em sistemas gerenciadores como única forma de acesso ao documento digital;
 - 5- Migrarás seus documentos de suporte e formato periodicamente;
 - 6- Replicarás os documentos em locais fisicamente separados;
 - 7- Não confiarás cegamente no suporte de armazenamento;
 - 8- Não deixarás de fazer backup e cópias de segurança;
 - 9- Não preservarás lixo digital;
 - 10- Garantirás a autenticidade dos documentos digitais.
- (SANTOS; INNARELLI; SOUSA 2007, p.35)

De acordo com Pavão (2002, p.14), a perda da imagem digital está ligada principalmente a causas externas à própria imagem ou ao suporte onde esta se encontra. Estas causas centram-se “em torno de problemas como falta de sistema de leitura ou falta de código

para decifrar a escrita digital. A perda da informação por deterioração do suporte é apenas uma entre as várias causas possíveis e não é mais devastadora”.

Para Santos, Innarelli e Sousa (2007, p. 67):

a documentação digital, assim como qualquer outra, deve ter sua autenticidade preservada ao longo do tempo, desde sua produção até o momento do seu recolhimento aos arquivos permanentes. Porém o que é percebido é que nem sempre existem critérios e ferramentas que garantam esta autenticidade, principalmente durante o processo de migração da documentação. Essa falta de critérios e ferramentas pode comprometer de forma definitiva a autenticidade dos documentos digitais preservados.

Sobre os processos técnicos de digitalização e microfilmagem usados para transferir a informação para outro suporte, os quais se apresentam como solução temporária, alguns autores fazem suas considerações. Vejamos abaixo:

Segundo o Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ (2010, p. 5),

Entendemos a digitalização como um processo de conversão dos documentos arquivísticos em formato digital, que consiste em unidades de dados binários, denominadas de bits – que são 0 (zero) e 1 (um), agrupadas em conjuntos de 8 *bits* (*binary digit*) formando um byte, e com os quais os computadores criam, recebem, processam, transmitem e armazenam dados.

Lopez (2005, p.2) ressalta que, “as vantagens e desvantagens da microfilmagem e da digitalização não permitem uma decisão conclusiva em prol de nenhuma das duas técnicas, sendo que o ideal é a adoção de ambas”. O autor (2005, p.5) enfatiza que “outro ponto que deve ser cuidadosamente planejado em qualquer projeto de informatização é a atualização tecnológica de suporte, equipamentos e programas”.

De acordo com Cabral (2002, p. 177, 178), o processo de microfilmagem é “uma técnica de miniaturização sobre filme, com base de poliéster e preferencialmente de 35 mm, e normalmente a p&b, de qualquer documento gráfico com o objetivo de preservar o seu conteúdo intelectual para o futuro”. No que concerne ao microfilme, Cabral (2002, p. 184) questiona a sua falta de capacidade, por razões financeiras e de longevidade, em registrar imagens a cor.

De acordo com Cabral (2002, p. 102), as vantagens da microfilmagem, são: os baixos custos previsíveis de produção e de manutenção; o baixo custo do equipamento necessário à sua leitura; não oferecer riscos; possui valor legal e de arquivo; a enorme compactação que permite relativamente à documentação original (cerca de 98%); segurança facilitada pelo pequeno volume e possuir normalização fixa. No entanto, há desvantagens, como: lentidão na pesquisa; pesquisa sequencial; utilização em monoposto; rápida deterioração devido às sucessivas cópias, além de possuir uma consulta incômoda e fatigante.

No caso do nosso objeto de estudo, não verificamos nada microfilmado, no entanto, salientamos aqui porque é uma técnica que tem suas vantagens e o fotógrafo pode se beneficiar dela, caso necessite.

Cabral (2002, p. 105) cita como vantagens da digitalização: a fidelidade ao original, manutenção da qualidade inicial, independentemente do número de cópias; distribuição em rede com uso múltiplo e utilização da imagem à medida. Entre as desvantagens, Cabral (2002, p.105,106) menciona: a rápida evolução tecnológica causando incompatibilidade entre sistemas, levantando questões de migração de informação; as restrições legais, incluindo as questões relacionadas com os direitos de autor (questões relacionadas com a autenticidade dos documentos); a falta de normalização; Os requisitos para a migração; a falta de apoios institucionais e a dificuldade de armazenagem.

Em relação ao acervo quilombola, o documentarista relatou, durante a entrevista, que as fotos antigas são guardadas normalmente em papel. Já as positivas, embora tenha no suporte original, já foram todas digitalizadas. Além disso, informa que quando tiver tempo, vai digitalizar as outras que só tem no papel. Sendo assim, constatamos que existe, por parte dele, não só a preocupação, mas a realização de ações de migração de suporte, com o objetivo de preservar sua coleção fotográfica.

O fotógrafo ressalva que, o problema da umidade ou da temperatura, teoricamente existe também para os HDs, mas diz que geralmente estamos em um padrão aceitável de temperatura e, por isso, ainda não teve este problema. Através dessa fala reiteramos que, se não há no seu ambiente os equipamentos necessários para controle adequado de temperatura e umidade, deste modo não é possível afirmar que estes estejam em um padrão aceitável. Para nossa realidade, Região Nordeste do Brasil, as condições adequadas seriam para a temperatura: 18° a 22° e para a umidade: 45% a 55% (no máximo 60%)³.

No entanto, o documentarista tem um amplo conhecimento em preservação de acervo digital. Relata que tem vários cuidados, como por exemplo: todos os arquivos são guardados em 3 (três) HDs diferentes, ou seja, possui 3 (três) arquivos iguais e separados, como medida de prevenção. Seu acervo digital possui um esquema de armazenamento.

O esquema de armazenamento mostra a ideia inicial de organização. Está dividido em 3 (três) grandes pastas, cada uma com suas subpastas:

³ Dados apresentados no curso básico de conservação preventiva em fotografias: higienização e acondicionamento (envelope e jacqueta), realizado na UEPB, na IV Ação Educativa no curso de Arquivologia, realizado pela turma P6 Diurno, Coordenação: Prof^a Ms. Maria José Cordeiro de Lima, no dia 08/11/12, com o expositor: Prof^o Eutrópio Pereira Bezerra.

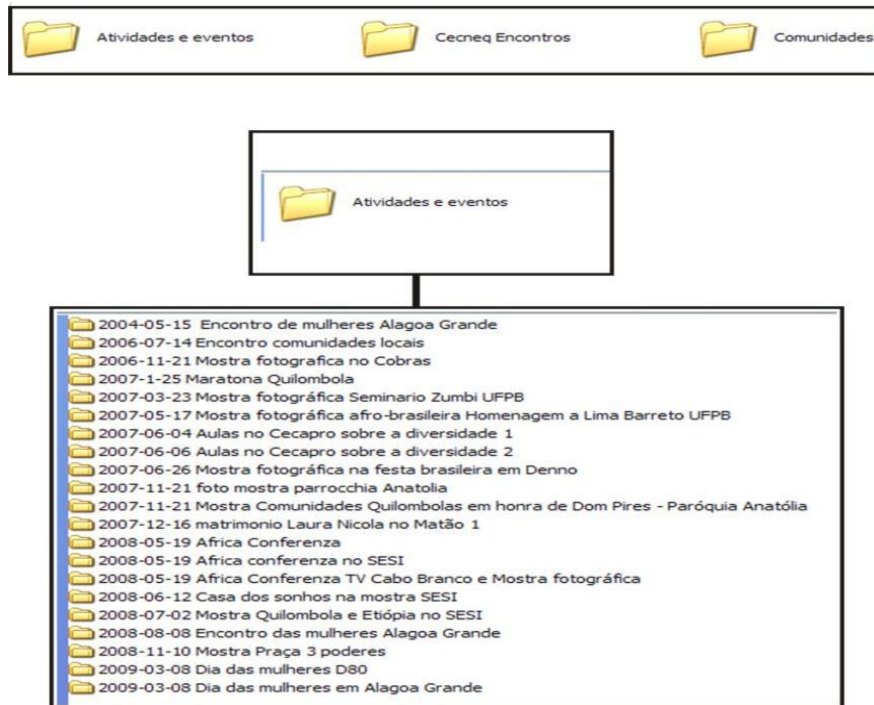
- Atividades e eventos;
- Encontros da CECNEQ;
- Comunidades.

Segundo Ferreira (2011, p.61):

a pasta “Atividades e eventos” contém, em ordem cronológica, a série dos acontecimentos relacionados à atividade de AACADE, com grupos específicos ou com o conjunto de várias comunidades; a pasta “Encontros da CECNEQ” compreende, em ordem cronológica, a documentação fotográfica de três encontros da Coordenação Estadual das Comunidades Negras e Quilombolas, a partir do segundo encontro de 2005; a terceira pasta, “Comunidades”, compreende vinte e três subpastas que se referem a outras tantas comunidades quilombolas. Cada uma delas contém, em ordem cronológica, inúmeras pastas com as fotos tiradas em cada comunidade.

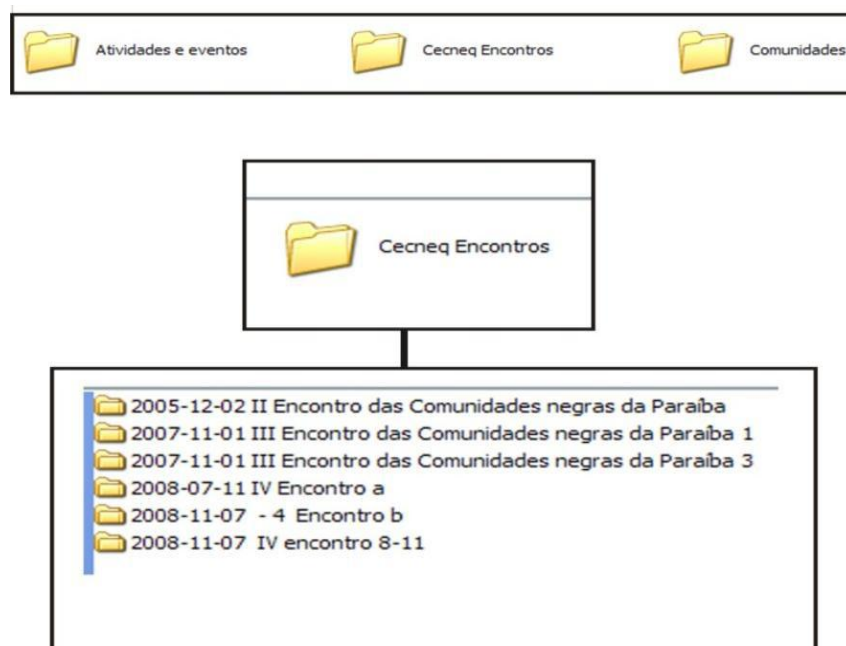
Vejamos este esquema a seguir:

FIGURA 1– Atividades e eventos



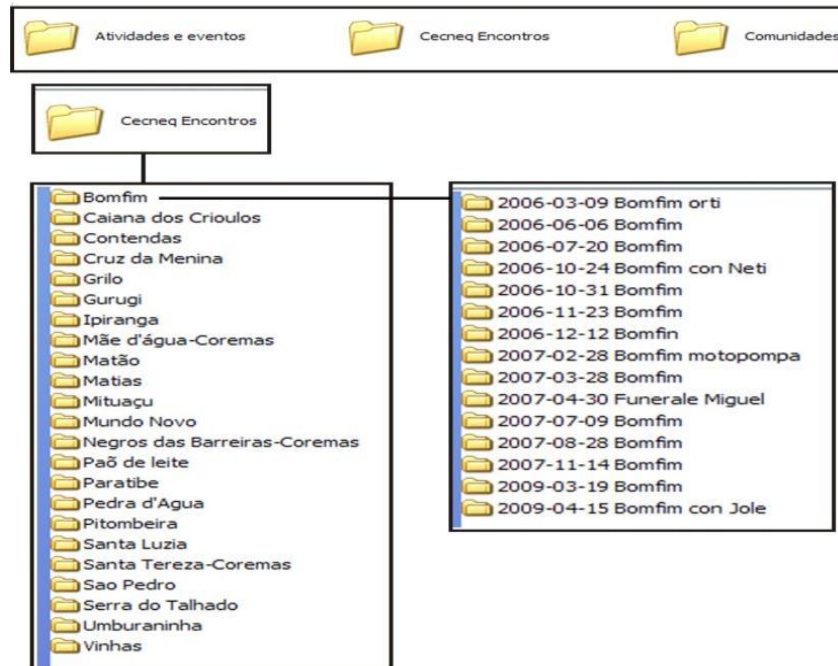
Fonte: Adaptada de Ferreira, 2011.

FIGURA 2 - CECNEQ - Encontros



Fonte: Adaptada de Ferreira, 2011.

FIGURA 3 – Comunidades



Fonte: Adaptada de Ferreira, 2011.

Através do esquema acima, constatamos que realmente o fotógrafo tem uma ideia de organização e classificação dos documentos digitais e que o faz por: datas, eventos, localidades. Além disso, em cada pasta faz uma descrição. Dessa forma, a sua versão digital da documentação é coerente e significativa.

Segundo Ferreira (2011, p.16) “as novas tecnologias buscam uma forma de fazer com que as informações estejam disponíveis de forma rápida. Para isso, temos o Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED), que traz uma proposta de rapidez e funcionalidade para as informações das organizações”. O GED tem como sugestão fundamental à organização da informação, buscando atender de forma rápida, quando for requerida pelo usuário. No GED os documentos são preparados para serem digitalizados em escâneres. Após esta etapa, passa por uma conferência e depois é gravado.

Para Cabral (2002, p.105,106), como dito anteriormente ao longo da pesquisa, a rápida evolução tecnológica causa incompatibilidade entre sistemas e levanta questões de migração de informação, bem como questões relacionadas com os direitos do autor (questões relacionadas com a autenticidade dos documentos). Alberto Banal tem noção de autoria, mas ainda não fez o registro da sua obra. Conforme informou, publica suas fotos em seus sites. Muitas pessoas pedem fotos para colocar em livros, porém muitas lembram de colocá-lo

como autor da mesma, mas outras não. Já descobriu várias fotos que foram usadas sem mencionarem seu nome.

O fotógrafo reconhece a necessidade de um projeto de gestão documental e gostaria de tê-lo, mas destaca que só a ideia de passar dias e dias ao lado de alguém (um arquivista), que quer colocar “as mãos no seu arquivo”, ele fica louco e não tem paciência.

Em relação a principal dificuldade quanto ao seu acervo, o documentarista reitera que tem um acervo imenso e que não trabalha só com fotografias. Sobre isso, afirma na entrevista: “tenho muitos outros compromissos, como as comunidades, a minha escola de fotografias, o projeto escribendo (projeto ler e escrever), tudo isso” (BANAL, 2012).

O documentarista reconhece que deveria dedicar mais tempo, mas não o tem e também não é seu foco de interesse. Já pensou em contratar alguém para cuidar desse trabalho, mas confessa que tem um grande limite: Só ele conhece o que está nos seus arquivos. Ele tem a memória. Sobre esta fala podemos destacar alguns elementos como, a ideia do proprietário do arquivo de sempre achar que só ele sabe onde estão os documentos, sem se dar conta que ele não é infalível.

Quanto ao usuário da informação fazer uma recuperação da informação de forma eficiente e eficaz do seu material, ele diz que espera encontrar gente que se importa com isso, para poder trabalhar juntos para um projeto de voluntariado. Mas salienta na entrevista que: “vou avisar a este que uma organização que já existe. Agora temos que aprimorar tudo”. (BANAL, 2012).

Segundo o fotógrafo, “teoricamente, para cada fotografia, seria necessário fazer uma descrição. Uma descrição do lugar que está fotografado, como foi feita, etc”. Além disso, lembra que muitas dessas informações já são colhidas na própria fotografia, como data, tipo de foto câmera que você usou, etc. Mas também declara na entrevista: “agora, também, se eu vou encontrar uma pessoa para fazer tudo isso, o único que pode saber tudo isso sou eu. Eu não tenho intenção nenhuma de parar a minha vida para catalogar 150 mil fotografias.” (BANAL, 2012).

Finalizando, para o fotógrafo, um arquivista pode ajudá-lo na organização e conservação de seus documentos através da elaboração de um projeto ou participando desse projeto. Porém, na entrevista confessa: “eu acho que trabalhar com um artista plástico, apesar do fato de que eu não sou um artista plástico, sou uma máquina de fotografia, é a coisa mais difícil do mundo, porque, se é um artista de verdade, não é uma pessoa normal”. (BANAL, 2012).

O fotógrafo demonstra humildade e não quer se colocar na posição de artista e também revela bom humor ao falar que não sabe se aguentaria estar o tempo todo com um profissional arquivista, mas fica subentendido que se preocupa sim com o destino do seu acervo e que para tanto é necessário um projeto. A partir deste dado revelado na entrevista veio a ideia de fazer uma proposta para conservação do seu acervo, pois como já foi afirmado, este além de ter um grande número de imagens, tem uma parte que constitui parte da memória de um povo: o quilombola e para cumprir a sua função social necessita de um tratamento profissional e efetivo.

4 PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO ACERVO

Fizemos uma discussão mais ou menos exaustiva sobre preservação de documento tomando como base o acervo dos quilombolas da Paraíba e um dos objetivos foi o de encontrar alternativas metodológicas para a conservação deste acervo. O fotógrafo na entrevista enfatiza e concordamos que:

o valor de um espaço físico, em conjunto com um profissional para coordenar este trabalho não é uma meta, uma vez que resultaria em custos adicionais que não fazem sentido, porque o material sobre quilombolas é digital e isto elimina uma preocupação maior com relação as fotografias que revelo para as exposições. (BANAL, 2012).

Na verdade, faz sentido as observações do fotógrafo e encontramos ecos de sua fala no texto de Madio (2012, p. 59) que afirma:

é essa ação original dentro de um contexto institucional ou pessoal, realizada por um fotógrafo amador ou profissional, que determinará o arquivamento do documento. Não estamos discutindo nesse momento a recuperação dos elementos imagéticos da fotografia, nem as técnicas empregadas na realização daquela imagem, mas o processo de criação e conseqüentemente de guarda de um documento, que foi produzido especificamente para o cumprimento de determinada função, que requeria esse tipo de registro e linguagem e nenhum outro. Para esse tipo de identificação não podemos nos ater apenas no registro imagético, mas buscar a historicidade, o contexto de produção da(s) fotografia(s), melhor dizendo, sua gênese documental.

Talvez o mais importante na obra deste fotógrafo não esteja na conservação do seu material analógico, mas na compreensão dos contextos de sua produção, uma vez que se apresenta como de uma grande significância, qual seja, dar visibilidade ao povo negro quilombola da Paraíba.

É verdade, também, que os custos de manutenção de uma proposta como a nossa para uma pessoa física ou entidade do terceiro setor, se torna vultosos. Entretanto, pensamos que, como este material tem uma função social definida, ele é de interesse público e poderia ser assumido como uma política pública de preservação cultural e receber financiamento governamental ou de particulares que se preocupam com cultura e patrimônio.

Pensamos ainda, que mesmo o acervo sendo digital, há uma imensa massa documental desorganizada. As fotografias reveladas para as exposições (estão em grandes painéis) e isto valida às observações gerais, até agora procedidas sobre a necessidade de preservação do acervo analógico e a possibilidade de vislumbrarmos um ambiente ideal para o trabalho do fotógrafo. Outra justificativa para efetivação desta proposta é a de que, cabe ao arquivista a observação de uma realidade e esta pode proporcionar ideias para serem usadas em outras diferentes instituições daquela que ele trabalhe, ou pesquise, ou mesmo sirva de

embasamento teórico para futuros trabalhos e, por fim, justifica-se por ser um exercício acadêmico proveitoso. Assim, concordamos em apresentar tal sugestão levando em importância:

- A massa documental acumulada do acervo, mesmo contando que possa ser eliminada, lembrando que não foi possível fazer a contagem, pois parte do material foi destinado para exposições, porém sabemos que seu volume é crescente, uma vez que o fotógrafo é convidado para muitas exposições, como ficou comprovado com as fotos mostradas em item acima mencionado;
- O entendimento de que os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de um plano de ação visando à preservação desta documentação fotográfica;
- O entendimento de que o ideal seria o acervo se localizar próximo à residência do fotógrafo ou do local de seu trabalho em condições adequadas para sua preservação. Dessa forma, consideramos mais apropriado implantá-lo próximo ao ambiente de trabalho do documentarista, ou seja, na AACADE, a qual está localizada na R. Duque de Caxias e tem contrato de aluguel do térreo do prédio. Sabendo-se que existe uma área de 36m² no primeiro andar, sugerimos:
 - Levar os documentos fotográficos para a área citada acima e adaptá-la, de acordo com as condições adequadas para salvaguardar esse patrimônio fotográfico;
 - Separar os equipamentos de informática como: computador, HDs, impressora, escâner e todos os acessórios na sala de escritório do autor, bem como as máquinas fotográficas que são usadas pelo mesmo;
 - Adaptar uma sala para a higienização das fotografias, instalando a pia, e torneiras adequadas para a utilização, bem como a aquisição de uma mesa de apoio onde permitirá ao documentarista ou auxiliar manusear as fotografias com as quais estão trabalhando, bem como preparar os materiais que serão confeccionados e destinados para exposições. Neste espaço deve ter estantes para guardar os materiais de consumo que serão usados, como: papéis para entrefolhamento, papéis para confecção de capilhas, pastas suspensas com varões de plásticos e caixas, lápis para checagem de pH, estiletes, pinças, trinças, luvas, óculos de proteção, etc.

Quanto ao espaço do arquivo, propriamente dito:

- Instalar equipamentos necessários como: ar condicionados, bem como desumidificadores (para controle da umidade relativa do ar ambiente);
- Instalar no acervo fotográfico o aparelho termo higrômetro para monitoramento ambiental;
- Instalar os equipamentos de segurança (extintores);
- Usar mobiliário de aço, como, arquivo, estantes e mapotecas, etc;

Em relação ao acondicionamento:

- As fotografias serão acondicionadas em envelopes padronizados e, depois, acondicionados em capilhas. Estas, por sua vez, deverão estar numeradas e armazenadas em arquivos de pastas suspensas.

Este mesmo esquema de acondicionamento poderá ser usado em um catálogo informatizado, pois conforme Fillipi, Lima e Carvalho (2002, p.65), “usando a ficha catalográfica informatizada como matriz de informações é possível gerar uma série de subprodutos que manualmente exigiriam uma confecção à parte, individualizada”.

- As fotografias em grandes formatos serão armazenadas em mapoteca;
- Os álbuns poderão ser acondicionados em caixas, com pH neutro, e, posteriormente, armazenados em estantes.

Quanto ao acervo digital, como dissemos anteriormente, este já tem uma organização e sua preservação encontra-se feita através de backup, e gravação em três HDs diferentes, porém são necessárias algumas sugestões, como:

- Cuidar do armazenamento na mídia adequada, controlando rigorosamente a manutenção dos equipamentos;
- Consultar especialistas da área de informática, para saber sobre segurança e compatibilidade dos programas;

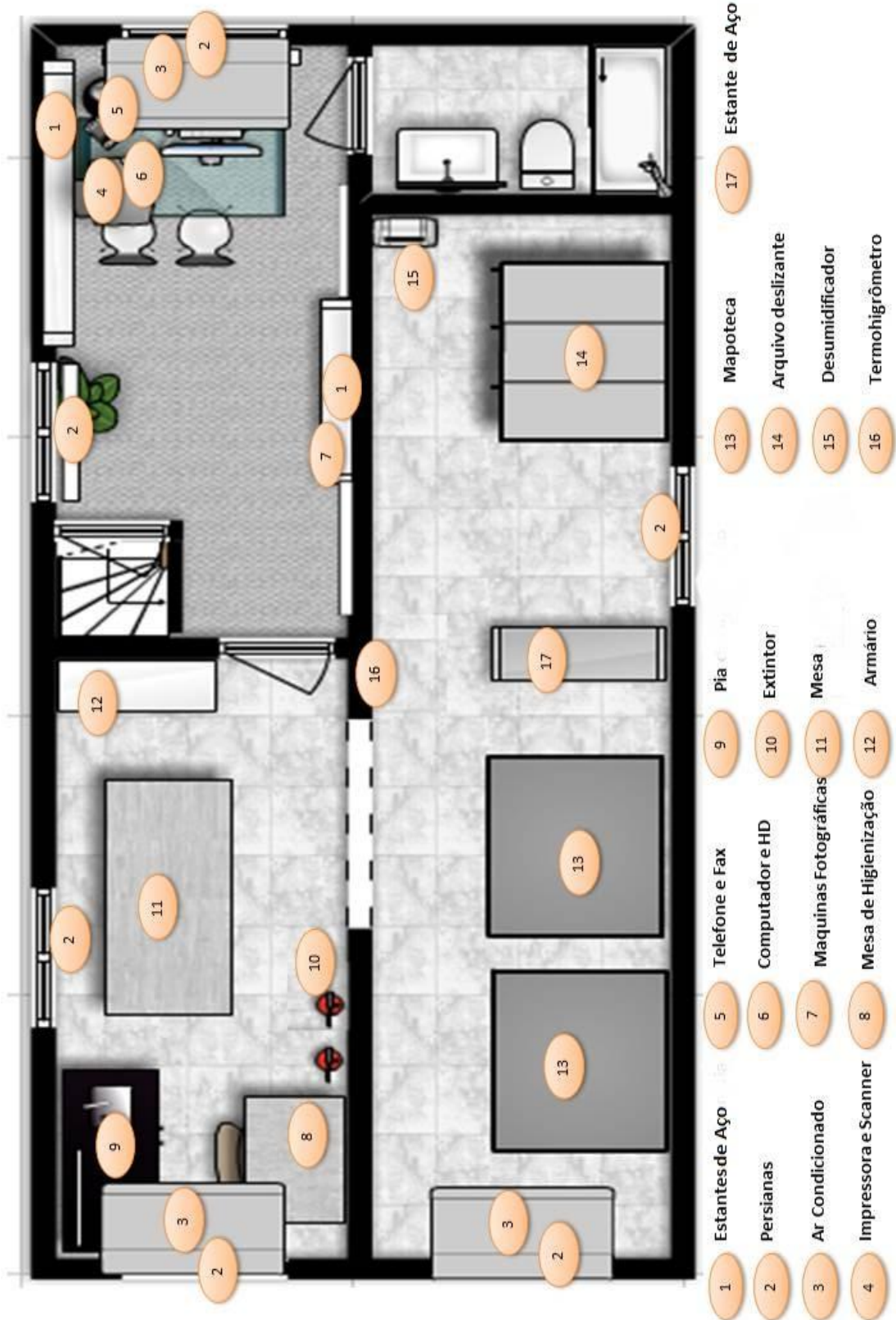
- Continuar fazendo backups e cópias de segurança;
- Fazer a migração de suporte e formato periodicamente;
- Fazer cópias em HDs externos para deixar no seu país de origem, porque se alguma eventualidade acontecer no Brasil, o fotógrafo terá cópias salvas na Itália;
- Fazer um plano de guarda de informação nas nuvens, conceito que vem sendo aplicado para grandes massas documentais e que consiste em alugar diferentes espaços virtuais em lugares diferentes onde são deixadas as informações, para que estas não se percam por causa de possíveis transtornos de ordem técnica ou obsolescência de material;

Enfim, com as observações propostas vemos no layout a seguir (planta, descrições e planta em 3D) uma visão geral de como seria o acervo fotográfico dos quilombolas:

LAYOUT 1- Planta com descrição dos ambientes



LAYOUT 2- Planta com descrição dos móveis e equipamentos



LAYOUT 3- Visão da planta em 3D

Designer gráfico: OLIVEIRA, Mara Vanessa Barbosa de; ROCHA, Rosa Maria Nogueira, 2012.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto ao longo da pesquisa e sabendo-se da importância de preservar os documentos fotográficos, bem como do conhecimento dos fatores que causam a deterioração dos mesmos, tanto os analógicos quanto os digitais, faz-se necessária a conscientização das instituições para a preservação e conservação desses documentos, uma vez que, poderão servir como prova documental para as comunidades quilombolas e como enfatizado é de grande valor histórico.

Torna-se, também, relevante pensarmos que não basta apenas ponderar sobre aspectos técnicos, também faz sentido refletirmos sobre o processo de desenvolvimento dessa documentação, a sua gênese documental porque trata-se de material que tem um finalidade específica, porém, o desenvolvimento dessas ideias serão deixadas para a discussão de futuros profissionais, pois abre-se a possibilidade de outra discussão sobre o documento fotográfico.

Na entrevista concedida pelo documentarista, percebemos que o mesmo tem conhecimentos sobre preservação e conservação, embora nem sempre aplique esses conhecimentos. Além disso, tem conhecimento maior sobre a preservação de documento digital. E mesmo que seu foco não seja o documento fotográfico analógico achamos que medidas preventivas devem ser tomadas com o material produzido para as suas exposições, visto que o documentarista tem despesas com a impressão de novas fotografias, as quais já haviam sido impressas anteriormente.

Há uma discordância que fica clara entre o fotógrafo e o arquivista em relação a esta documentação analógica, pois, como especialistas, entendemos que são necessárias todas as medidas de prevenção e conservação. No entanto, parecem razoáveis as razões do mesmo, principalmente no referente aos custos de manutenção de um arquivo, como pessoa física ou mesmo para a sua entidade que é sem fins lucrativos, pois a compra e manutenção de equipamentos, aluguel ou aquisição de imóvel para esta finalidade, pagamento de mão de obra, etc, torna-se onerosa demais.

Assim, devido às características do acervo que tem alto valor histórico e documental e o empenho do fotógrafo do acervo em retratar a história recente do povo quilombola da Paraíba, podemos aguardar por alguma política pública governamental voltada para a preservação da cultura ou mesmo instituições privadas que tem este interesse, pois vemos que a cada dia cresce a consciência de que é preciso manter a memória do País viva e, também, porque as entidades privadas de grande porte têm, no Brasil, incentivos fiscais baseados e regulamentados por lei que facilitam o investimento em cultura.

Entendemos, por fim, que este material, o qual faz parte do passado recente, reconstrói a memória de um povo que aguarda por uma cidadania plena e vale apenas a estruturação de um espaço físico com todas as condições ideais de produção e preservação, bem como é salutar pensar em todos os cuidados com a memória digital do acervo e assim a proposta elaborada pareceu-nos bastante razoável e do ponto de vista científico e, acreditamos, atende aos requisitos científicos da área de Arquivo e preservação de documentos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. Cristina de; MORAIS, João Batista E. Classificação de documentos fotográficos em arquivos, bibliotecas e museus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14.,2009,Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BANAL, Alberto. **Fotógrafos de Rua**. Disponível em: <<http://www.fotografosderua.com>>. Acesso: 20 set. 2012.

_____. **PB: Comunidades Quilombolas visitam exposições sobre Gana**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/noticias>>. Acesso: 20 set. 2012.

_____. **Quilombos da Paraíba**. Disponível em: <<http://www.quilombosdaparaiba.blogspot.com.br>>. Acesso: 13 nov.2012.

_____. **Quilombos da Paraíba: Quilombos do passado e quilombos de hoje**. AACADE: Casas de leitura. Encarte, abril de 2012.

BARBOSA, A. G.; MALVERDES, André; SILVA, R. P. Análise documentária de fotografias: leitura da imagem através de análises iconográficas e interpretações iconológicas. In: Congresso Nacional de Arquivologia, 4., 2010, Vitória. **Anais ...** A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação. Vitória: AARQUES, 2010. v. 1.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS – CONARQ (BRASIL). **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes**. Abril, 2010.

CABRAL, Maria Luísa. **Amanhã é sempre logo demais: crônicas de preservação & conservação**. 2. ed. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b, 2002.

CASSARES, Norma C. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, n. 52, 2001.

FERREIRA, Josivaldo Soares. **A gestão eletrônica de documentos e sua otimização nos serviços das instituições do terceiro setor: o caso da Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes da Paraíba – AACADE**. Monografia (Graduação em Arquivologia). Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

FERREIRA, Miguel. **Introdução à Preservação Digital: conceitos, estratégias e actuais consensos**. Portugal: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange F. de; CARVALHO, Vânia C. de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002. (Projeto como fazer), v. 4, 100 p.

GABRIEL, Júlio C. de C. **Banco do Nordeste**: analista bancário. São Paulo: Vestcon Editora Ltda, 2010.

GOVERNO DA PARAÍBA. Disponível em: <www.paraiba.pb.gov.br>. Acesso: 27/11/12.

HENRIQUE, Sônia; CORRÊA, Lúcia H. M.; RIBEIRO, Fernanda; et al. Páginas a & b: arquivos e bibliotecas. In: HENRIQUE, Sônia. **O lugar da fotografia nos arquivos**: uma proposta de reavaliação. Lisboa: Gabinete de Estudos a&b. 2010. p. 91-144.

INNARELLI, Humberto C.; SANTOS, Vanderlei B. dos; SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de. Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. In: INNARELLI, Humberto Celeste. **Preservação digital e seus dez mandamentos**. 2. ed. Distrito Federal: SENAC, 2007, p.22-75.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas 2008.

LOPEZ, André P. A. Utilização de Recursos Informáticos nos Arquivos: Algumas diretrizes. In: SEMINÁRIO DE ARQUIVO PÚBLICO. **Anais ...** Paraná: Sesquicentenário, 2005.

MADIO, Telma C. de Carvalho. Uma Discussão dos Documentos Fotográficos em Ambiente de Arquivo. In: ESTUDOS AVANÇADOS EM ARQUIVOLOGIA. **Anais...** Marta. Lígia. Pomim Valentim (org.). Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MARTINS, Gilberto de A.; THEÓPHILO, Carlos R. **Metodologia da Investigação para Ciências Sociais Aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MICHEL, M. Elena. **Metodologia de pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias**: métodos básicos para salvar suas coleções. Projeto Conservação Preventiva em bibliotecas e Arquivos: 2. ed. Tradução de Olga de Souza Marder. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

PAVÃO, Luís; ABREU, Carlos; SOARES, Elisa. Et. al. Páginas a & b: arquivos e bibliotecas. In: PAVÃO, Luís. **Preservação de fotografia na era do digital**. Lisboa: gabinete de Estudos a & b, 2002. p. 7-19.

RICHARDSON, R. Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Paulo Roberto. **Livro Arquivística no laboratório**: história, teoria e métodos de uma disciplina. Rio de Janeiro: Teatral; FAPERJ, 2010. 216 p.

Sobre o Estado da Paraíba. Disponível em: <<http://www.encontrapb.com.br/>>. Acesso : 27/11/12.

APÊNDICE

Apêndice A: Instrumento de coleta de dados

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Este instrumento de coleta de dados faz parte da pesquisa intitulada: “A MEMÓRIA REVELADA: Preservação do Acervo Fotográfico dos Quilombolas da Paraíba”. Os dados coletados farão parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o término da graduação da aluna Rosa Maria Nogueira Rocha.

Data: 30 de setembro de 2012

Entrevistado: Alberto Banal - Fotógrafo e Documentarista

1. O senhor possui um grande acervo fotográfico. De onde nasceu a sua paixão por fotografia?
2. O senhor conhece algo sobre a área do saber intitulada Arquivologia?
3. Então o Senhor tem conhecimento sobre a preservação e conservação?
4. Por que o senhor faz um trabalho temático (negros quilombolas na Paraíba)?
5. O senhor tem ideia de que está criando uma memória quilombola e o que este registro pode representar para a comunidade na posteridade?
6. O senhor conhece muita coisa do mundo, pois li sua biografia, gostaria de saber o que o senhor conhece do Brasil, no referente ao clima, temperatura, umidade do ar? Diferenças climáticas das regiões?
7. Gostaria que objetivamente o senhor me respondesse: Onde guarda seu acervo físico e virtual?
8. Tem um programa de prevenção contra incêndio?
9. E o armazenamento?
10. As fotos são acondicionadas em que tipo de álbum. Há alguma preferência?
11. O Sr. já pensou em contratar alguém para cuidar deste trabalho de armazenamento e guarda?
12. Atualmente o Sr. não sente a necessidade de um Projeto de gestão documental ?
13. Já fez o registro de autoria?

14. Qual a sua principal dificuldade em relação ao seu acervo?
15. Então como o Senhor falou antes, tem o conhecimento de preservação e conservação, mas, no caso aqui do arquivo não há um controle de temperatura, nem de umidade, nem de luminosidade, não é?
16. Os álbuns são armazenados onde?
17. No caso de uma emergência, de algum desastre existe um plano de resgate do acervo?
18. A higienização é feita constantemente?
19. Qual o problema fundamental do arquivo digital?
20. Como o Senhor pensa no usuário da informação, que ele pode fazer uma recuperação da informação de forma eficiente e eficaz do seu material?
21. O que o senhor acha que um arquivista pode fazer para ajudar um artista plástico como o senhor na organização e conservação de seus documentos?
22. Eu gostaria de saber se posso ver seu acervo e fotografá-lo?
23. Para o senhor, qual a importância e a viabilidade de ter um lugar físico (chamaríamos de arquivo) com as condições ideais de produção e guarda, ou seja, um lugar com os equipamentos necessários para acondicionamento das fotografias analógicas e do seu material de fotografias digital?

ANEXO

Anexo A - Mapa dos Quilombos da Paraíba.

Fonte: Adaptada de Alberto Banal, 2012.

